

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EDUARDO MACIEL DE BARROS

**O TREINAMENTO INTEGRADO COMO
MEIO DE ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA
EM FUTEBOL**

Campinas
2008

EDUARDO MACIEL DE BARROS

**O TREINAMENTO INTEGRADO COMO
MEIO DE ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA
EM FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Miguel de Arruda

Campinas
2008

EDUARDO MACIEL DE BARROS

**O TREINAMENTO INTEGRADO COMO
MEIO DE ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA
EM FUTEBOL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação defendido por Eduardo Maciel de Barros e aprovado pela Comissão julgadora em: ____/____/____.

Miguel de Arruda
Orientador

Paulo Ferreira de Araújo
Banca Examinadora

Paulo César Montagner
Banca Examinadora

Campinas
2008

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Fernando e Vânia, que, durante muitos anos me acompanharam, gritaram, torceram, vibraram, choraram, incentivaram e educaram, no difícil caminho de tentar tornar-me um jogador de futebol. Sem a presença constante dos mesmos as inúmeras situações de aprendizado, experiências, decepções, satisfações, altos e baixos não teriam o mesmo significado para minha vida.

A tristeza dos mesmos ao me verem abandonando a carreira de jogador, aos poucos vai se transformando em alegria ao perceberem o brilho nos meus olhos, cada dia mais intenso, ao iniciar um novo caminho no universo do futebol, desta vez, do lado de fora dos gramados, porém, com o amável apoio incondicional de sempre.

Enfim, obrigado por tudo!

Agradecimentos

Agradeço à Deus, primeiramente, por tornar tudo possível!

Agradeço à minha família, por sempre apoiar minha paixão pelo futebol.

Agradeço ao meu antigo professor Fábio Brusco, o pioneiro a fazer-me enxergar o jogo de futebol de forma diferente e o responsável pela minha permanência profissional na área esportiva.

Agradeço ao Ms. Alcides Scaglia. Poder, semanalmente, participar de reuniões conduzidas por ele, é um privilégio e sinônimo de muito aprendizado. Muito obrigado!

Agradeço à todos os profissionais do Paulínia Futebol Clube que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu crescente aprendizado que está sendo registrado com a realização deste trabalho. Devo um agradecimento especial aos professores Renato e Reiner, onde o primeiro me recebeu muito bem quando ingressei no clube, fazendo com que eu aprendesse muito e o último fora o que tive maior contato e conseqüente aprendizado durante este ano.

Agradeço também ao meu orientador, Miguel de Arruda, que me conhece desde os tempos em que eu era atleta e, atualmente, muito tem me apoiado nesta nova fase de minha vida.

Obrigado a todos meus amigos, muitos deles feitos a partir do futebol e que me apóiam fielmente na realização do meu sonho.

Enfim, agradeço também ao amigo e agora também professor de Educação Física, Felipe Cadorin que, durante este ano, me escutou pacientemente nas inúmeras conversas sobre nosso processo de especialização esportiva em futebol e no final deste trabalho foi muito importante para que eu pudesse concluí-lo.

BARROS, Eduardo Maciel. **O Treinamento Integrado como meio de especialização esportiva em futebol**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

O Treinamento Integrado surge na literatura como metodologia de treinamento ideal a ser aplicada como meio de especialização esportiva no futebol. Este treinamento pode ser brevemente resumido como a integração das componentes táticas, técnicas, físicas e psicológicas, por meio de jogos, em uma única sessão de treinamento. Neste trabalho, procurei, antes de abordar o treinamento integrado, fundamentar, com uma ampla corrente teórica, os motivos que contemplam esta metodologia como mais eficiente. Inicialmente, uma abordagem sobre a necessidade de termos um pensamento complexo é apresentada, visto que, nenhum fenômeno pode ser compreendido de forma isolada ou fragmentada. Em seguida, explanações sobre Construtivismo, Aprendizagem e Pedagogia são realizadas buscando a indicação das competências necessárias acerca de uma conduta pedagógica adequada, para a aplicação de uma metodologia. Ainda sem abordar o futebol, uma conceituação filosófica do jogo é utilizada, pois este fenômeno, que compreende a essência da metodologia de treinamento integrado, precisa ser realmente entendido para que equívocos na aplicação da metodologia, como a realização do jogo pelo jogo, não venham a ocorrer. Todos estes conceitos, abordados até o momento, com uma leitura não complexa, podem perder a relação com o futebol, que só então passará a ser abordado neste trabalho. Após sua caracterização enquanto desporto coletivo e faixa etária ideal para o início de sua prática, alguns autores que apontam para o ensino destes esportes são apresentados com os intuitos de indicar à importância da tática no ensino do jogo coletivo e de romper e questionar a metodologia de treinamento predominante nos clubes de futebol brasileiros, ou seja, a tecnicista, que fragmenta os treinamentos em sessões técnicas, físicas, táticas, psicológicas e consequentemente, fragmenta o ser humano, que nunca deve ser visto fora de sua totalidade. Após todos estes conhecimentos se torna possível a abordagem do treinamento integrado, que utiliza o jogo, com sua adequada compreensão, como método de treinamento. Visando a especialização esportiva no futebol, uma caracterização física, técnica, tática e psicológica desta modalidade é desenvolvida para que se torne clara a compreensão da mesma para aplicar a metodologia aqui proposta. Por fim, os treinadores/professores que se proponham a aplicar a metodologia de treinamento integrado, deverão conhecer sua equipe, seu grupo de jogadores, saber em que nível de jogo eles se encontram e qual é o nível pretendido. Para isso, alguns jogos, com objetivos técnicos, táticos, físicos e psicológicos são exemplificados, não com o objetivo de servirem de receita para posterior aplicação e sim com o intuito de identificar para onde aponta a especialização esportiva em futebol, que é extremamente importante para a formação dos nossos futuros atletas, a partir da metodologia de treinamento integrado.

Palavras-Chaves: Treinamento Integrado; Futebol, Especialização Esportiva

BARROS, Eduardo Maciel. The Integrated Training as a way of sport specialization in soccer. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The Integrated Training appears in Literature as an ideal training methodology to be applied as a way of sport specialization in soccer. This training can be briefly summarized as the integration of the tactical, technical, physical and psychological components, through games, in a single training session. On this essay, I tried, before approaching the Integrated Training, to base, with a wide theoretic chain of knowledge, the reason that consider this methodology as more efficient. At first, an approach about the necessity of having a complex thinking is stated, once, none phenomenon can be understood in an isolated or fragmented way. After that, explanations about Constructivism, Schooling and Pedagogy are performed targeting the necessary competencies indication around an adequate pedagogic conduct, to apply a methodology. Still not approaching the soccer, a philosophical conceptualization of the game is used, therefore this phenomenon, that understands the essence of the Integrated Training methodology, really needs to be understood so that mistakes in the application of the methodology, as the accomplishment of the game for the game, does not come to occur. All these concepts, approached until the moment, with a not complex reading, can lose the relation with the soccer, that then will only start to be approached in this essay. After its characterization while collective sport and ideal age-group for the beginning of its practice, some authors who point with respect to the education of these sports are presented with intentions to indicate to the importance of the tactics in the education of the collective game and to breach and to question the predominant training methodology in the Brazilian clubs of soccer, that is, the technicism, that breaks up the training in technical, physical, tactical and psychological sessions and hence, break up the human being, that never must be observed outside of its totality. After all these knowledge it becomes possible the approach of the Integrated Training, that uses the game, with its adjusted understanding, as training method. Aiming at the sport specialization in the soccer, a physical, technical, tactical and psychological characterization of this modality is developed so that its understanding becomes clear to apply the methodology proposed here. Finally, the trainers/professors who offer to apply the Integrated Training methodology, will have to know its team, its group of players, to know in what game level they are and which is the intended level. For this, some games, with technical, tactical, physical and psychological objectives are illustrated, with the objective not to be served of recipe for posterior application but with the intention of identifying to where the sport specialization in soccer points to, that is extremely important for the formation of our future athletes, from the methodology of Integrated Training.

Keywords: Integrated Training; Soccer; Sport Specialization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fases dos Diferentes Níveis de Jogo nos JDC	40
Figura 2 -	Representação Esquemática dos Jogos 1, 2 e 3	70

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

JDC	Jogos Desportivos Coletivos
------------	-----------------------------

SUMÁRIO

1 Introdução	12
2 Justificativa	15
3 Objetivos	16
3.1 Objetivo Geral	16
3.2 Objetivos Específicos	16
4 Conteúdo	17
4.1 O pensamento complexo	17
4.2 Aprendizagem e Desenvolvimento Humanos	19
4.3 A importância do Construtivismo	21
4.4 Ensino e o futebol	23
4.5 O Jogo.....	25
4.6 O Jogo Desportivo Coletivo	28
4.7 O processamento da Informação nos JDC	29
4.8 O ensino dos JDC e alguns autores	32
4.8.1 Pablo Juan Greco	32
4.8.2 Júlio Garganta	36
4.8.3 Amandio Graça	42
4.8.4 Jocimar Daolio	45
4.9 Treinamento Esportivo e Especialização	48

4.10 O Futebol e suas quatro vertentes	49
4.10.1 A questão Física	49
4.10.2 A questão Técnica	56
4.10.3 A questão Tática	57
4.10.4 A questão Psicológica	60
4.11 O Treinamento Integrado	63
4.12 Jogos	66
5 Conclusão	71
6 Referências	74

1 Introdução

De origem Inglesa, o desporto Futebol, criado a partir da unificação de vários jogos com os pés e mãos, tornou-se, por uma gama de fatores sócio-culturais, o sonho de profissão de milhões de pessoas, ou pelo menos o passatempo preferido de muitos que, pela paixão enlouquecedora por uma equipe e/ou seleção nacional, acompanham todas as notícias das mesmas que envolvam o futebol, opinando, criticando e abordando o tema como grandes entendedores do assunto. Tal esporte, que é o maior fenômeno de entretenimento existente pode ser classificado como o mais praticado e divulgado em todo o mundo.

Sendo assim, inúmeros são os praticantes desta modalidade, seja regido pelas suas 17 regras oficiais, seja na prática de jogos adaptados nos mais variados campos, praças, quadras ou quaisquer outros espaços passíveis ou não da prática desta atividade, que tem como objetivo fazer mais gols que o adversário.

Entender o jogar bem futebol como dote genético, dom divino ou algo relacionado, impossibilitaria um olhar acadêmico, de uma prática que, ao menos no âmbito nacional necessita ser despertada enquanto Ciência e ser desvinculada do senso comum no tocante ao jargão: *Nascemos sabendo jogar futebol!*

A explicação para tamanha facilidade que muitos de nós, brasileiros, apresentamos com as bolas nos pés necessitaria um grande levantamento histórico/cultural para explicitar os porquês da mesma, algo que fugiria dos interesses do presente trabalho, porém, mencionar Freire (1998, p.13) pode possibilitar ao crítico leitor uma visão mais científica e conseqüentemente mais aprofundada dos motivos nos quais nos tornamos referências na produção de grandes jogadores, ou ao menos, grandes “malabaristas” com as bolas nos pés:

“Muitos podem até pensar que somos os inventores do futebol, tamanha a nossa intimidade com a bola. No entanto, quem inventou o futebol foram os ingleses que, de professores viraram nossos alunos. Num país com tantos insucessos, os êxitos no futebol têm sido tão grandes que as tentativas de explicações tornaram-se inevitáveis. Para alguns, somos vitoriosos por que Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva como explicação, basta dar uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada

pedacinho de chão onde dê para rolar uma bola, que o observador atento descobrirá que o futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar. Pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém.”

Como outros milhões de brasileiros, nasci, cresci e me desenvolvi em um ambiente com o futebol extremamente presente. Basta fechar os olhos que facilmente me recordo dos jogos praticados na rua, nos campeonatos entre as ruas vizinhas, nos mais variados jogos adaptados, com bola ou com quaisquer outro objeto que lembrasse uma e também das dezenas de instituições esportivas que representei, treinando e disputando competições oficiais dos 8 anos de idade até o dia em que encerrei minha carreira como jogador de futebol profissional, aos 22 anos.

Ao longo desse período, tive diversos treinadores, alguns, formados em Educação Física, outros, ex-atletas da modalidade ou ainda simples apaixonados pelo esporte.

Treinos analíticos de passe, cabeceios, finalizações, lançamentos, dribles, foram rotinas durante todo meu processo de formação e também profissionalização. A automatização de padrões de movimentos era preconizada por muitos dos treinadores. Lembro-me da fala da maioria deles, que privilegiavam a técnica e sempre me deixavam intrigados ao se referirem que não treinariam a parte tática do desporto, pois tal competência deveria ser abordada somente quando profissional.

No tocante aos treinos físicos, sempre os executei de maneira descontextualizada, onde por inúmeras vezes deveria correr “x” metros em “x” segundos, acelerar mudando direção em uma sequência determinada, executar dezenas de voltas ao redor do campo e também erguer muitos quilogramas nos aparelhos de musculação. Enfim, as programações de treinos semanais sempre tinham suas sessões exclusivas para esta capacidade.

Até ingressar na faculdade, em 2003, os questionamentos que me intrigavam permaneciam sem resposta, mesmo sem saber o porquê, as palavras dos meus treinadores eram verdades absolutas.

No terceiro ano da graduação, a presença da disciplina Jogos Coletivos me proporcionou um imenso aprendizado e cientificou todos os questionamentos que eu fazia. A leitura referente ao ensino dos Jogos Coletivos, propostas por autores como Júlio Garganta,

Jocimar Daolio, Claude Bayer, Amândio Graça, permitiram que eu entendesse os equívocos nos quais fui submetido durante todo meu processo de formação e profissionalização no Futebol.

Neste trabalho de conclusão de curso, um dos objetivos será mostrar o que preconizam esses autores e suas importâncias para a aplicação de uma metodologia de treinamento integrado, que deve ser aplicada para a formação de um jogador inteligente. Tal formação, não deve conceber o Futebol de forma fragmentada, onde as componentes Táticas, Físicas, Técnicas e Psicológicas são treinadas desvinculadas umas das outras.

Porém, antes de abordar o treinamento integrado, diversos fatores deverão ser considerados e explicitados a fim de que, realmente, a metodologia seja corretamente aplicada. Entendimentos sobre complexidade, construtivismo, aprendizagem, ação pedagógica, desenvolvimento humano, jogo, além dos componentes do próprio futebol farão parte do conteúdo deste trabalho que pretende propor o treinamento integrado como forma de desenvolvimento de um bom jogador de futebol.

A inter-relação de todos esses componentes contribuirão para a elaboração do treinamento que um técnico ou professor se proponha a aplicar, treinamento que acredito ser mais eficiente e que, se corretamente introduzido no processo de especialização esportiva pode otimizar os resultados das equipes e jogadores enquanto desempenho esportivo e principalmente enquanto indivíduos, visto que esta metodologia de treinamento valoriza o ser humano, sua inteligência, sua capacidade de adaptação e resolução de problemas.

Enfim, esta obra apresentará muito mais que uma simples abordagem sobre o futebol, este produto da cultura, será abordado enquanto parte de um sistema complexo nos quais diversos fatores estão relacionados e entendê-los será fundamental para a aplicação da metodologia que, aqui neste trabalho de conclusão de curso será apresentada.

2 Justificativa

Após quatorze anos praticando esta modalidade, abrangendo brincadeiras, jogos adaptados, treinamentos, amistosos e competições e abandonando-a enquanto atleta por uma série de fatores, pude chegar a uma conclusão: a metodologia de treinamento do desporto futebol, precisa ser ampliada, ao menos no que tange o âmbito nacional. Esta conclusão pôde ser obtida graças aos inúmeros conhecimentos adquiridos na graduação e no atual clube de futebol que trabalho.

Tive ao longo de minha formação como atleta, diversos treinadores/professores que, hoje, posso classificá-los como despreparados para a função que exerciam. Tal função será abordada no presente trabalho e possibilitará ao leitor a compreensão que para ensinar exige muito além da paixão pelo futebol ou conhecimento como ex-atleta/praticante do mesmo.

Como apaixonado por este esporte e escolhendo o mesmo para seguir minha carreira profissional nada mais pertinente que realizar um trabalho de conclusão de curso que, possa contribuir enquanto material de apoio para a formação de um possível atleta profissional.

Uma tarefa sabidamente difícil, por ser um esporte praticado por milhões de pessoas e ensinado de forma competente por pouquíssimas, porém, quanto antes iniciarmos a propagação desta metodologia, mais rapidamente chegaremos ao que proponho, ou seja, o ensino desta modalidade pelo treinamento integrado.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Pretende-se com este trabalho apresentar a metodologia de treinamento integrado para especialização esportiva no futebol, creditando-a como mais eficiente e valendo-se de materiais da literatura que abordam as componentes física, técnica, tática e psicológica desta modalidade para caracterizá-la.

3.2 Objetivos Específicos

Como pontos específicos deste trabalho, espero que o mesmo:

- Possibilite ao leitor um real entendimento desta modalidade esportiva e que, quaisquer treinamentos fragmentados comprometerão o desenvolvimento do todo da equipe e do indivíduo;
- Sirva de auxílio para profissionais de futebol, das mais variadas funções (preparadores, treinadores, professores, gestores), visto que a necessidade deste século quanto à atualização de conhecimento é extremamente presente e muito pouco se observa no que se refere ao futebol;
- Facilite, por meio de exemplos de alguns jogos à serem aplicados como uma sessão de treinamento integrado, a compreensão desta metodologia.

4 Conteúdo

4.1 O Pensamento Complexo

Para um adequado entendimento do que este trabalho acadêmico pretende apresentar a respeito do futebol, uma seqüência de conteúdos pertinentes e inter-relacionados deverá ser explicitada a fim de que sustente, respalde e fortaleça a corrente teórica que será abordada para a especialização na modalidade futebol.

Uma leitura desatenta, fragmentada, facilmente conduzirá o leitor ao não entendimento do que este tópico discorrerá e no quanto o mesmo é fundamental para a continuidade deste trabalho.

Refiro-me ao pensamento complexo. Obviamente, o mesmo não será identificado em sua totalidade, o que necessitaria uma ampla conceituação teórica referente à complexidade, porém, apresentar sua essência terá papel indispensável para a total compreensão deste material.

Segundo Fiedler-Ferrara (2003) o pensamento complexo preocupa-se em refletir a respeito de fenômenos onde interagem muitos fatores. Sua finalidade é servir de base para construir conceitos e metodologias – utensílios de pensamento, reflexão e ação no mundo – para articular saberes especializados.

A origem deste pensamento, segundo o mesmo autor, se inicia nos anos trinta do século passado e se fundamenta a partir da biologia evolutiva, que trata os organismos vivos como indivisíveis, onde as particularidades específicas emergem somente no nível da totalidade. Somada a biologia evolutiva, nas décadas seguintes, uma série de desenvolvimentos contribui para a base do pensamento complexo. Refiro à teoria da organização (advinda da cibernética, teoria da organização e teoria dos sistemas), teoria da auto-organização, teoria do caos determinístico, além da imprevisibilidade.

Uma frase resume o que não pode ser confundido sobre o pensamento complexo: “O pensar complexo não é um pensamento “holístico” que privilegia o global sobre a análise das partes, dos seus componentes. Ele pretende articular o todo com as partes, o global e o particular num ir e vir incessantes (Fiedler-Ferrara, 2003 p.8).”

Ainda caracterizando este pensamento, é apresentado como o mesmo se configura (Fiedler-Ferrara, 2003 p.9):

“O pensar complexo faz um ir e vir incessante entre a certeza e a incerteza, entre o elementar e o global, entre o inseparável e o separável. Na construção do novo paradigma não se trata de abandonar os princípios da ciência clássica-ordem, separabilidade e lógica indutiva-dedutiva-identitária - mas de integrá-los num esquema que seja ao mesmo tempo mais largo e mais rico. Não se trata também de abandonar o reducionismo ou a causalidade estrita, mas utilizá-los quando isso não macular a compreensão do objeto ou sistema estudado, compondo-o com seus aspectos complexos, quando presentes. Não se trata de negar a disciplinaridade e a especialização, em confronto com a multidisciplinaridade ou a interdisciplinaridade, mas de utilizar cada uma delas quando o problema a ser tratado assim o exigir. Não se trata de opor um holismo global a um reducionismo sistemático; trata-se de ligar o concreto das partes à totalidade. Trata-se de articular os princípios de ordem e desordem, de separação e junção, de autonomia e dependência, que estão em dialógica, isto é, são complementares, concorrentes e antagônicos.”

Apresentado o que o pensamento complexo evidencia, será necessário relacioná-lo com o objeto de estudo deste trabalho, a especialização em futebol. Ensinar essa modalidade implicará uma visão sistêmica, muito além da mera aplicação empírica de conteúdos pré-determinados. Uma visão tecnicista, que privilegia a reprodução, repetição, fundamentada em pensamentos cartesianos, que fragmentam a sociedade, o conhecimento, o esporte, o indivíduo, se oporá ao olhar que este trabalho pretende ser visto, ou seja, um olhar que privilegie o todo, sua inter-relação com as partes, onde as importâncias são igualmente distribuídas e quaisquer visão exclusivamente segmentada, comprometerá o caráter global pretendido.

Apenas com o pensamento complexo indicado, este trabalho apresentará coerência e inter-relação dos conteúdos que possui. Tais conteúdos deverão ser observados enquanto estruturais fundamentais para a aplicação da metodologia que será proposta.

Concluindo, a ação pedagógica durante o processo de formação de um atleta deverá valorar todos os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos. Somente um olhar sistêmico, complexo, conseguirá relacionar conteúdos como aprendizagem, construtivismo, jogo, componentes do treinamento, elementos que, em conjunto, contribuirão para a formação da metodologia de treinamento integrado.

4.2 Aprendizagem e Desenvolvimento Humanos

Abordar a especialização esportiva, inicialmente necessita o entendimento sobre as ações pedagógicas nas quais os atletas serão submetidos além de uma compreensão significativa sobre a aprendizagem humana, visto que a formação de atletas, em sua totalidade, ocorrerá por aprendizado de conteúdos que deverão ser postos em prática em todas as suas atividades esportivas, sejam elas treinos, amistosos, competições.

Em sua dissertação, Montagner (1999), cita Lev Semiónovitch Vygotsky (1896-1934), um grande estudioso acerca da psicologia do desenvolvimento. Um profissional do esporte, que trabalhe com a formação de atletas, deverá conhecer, ao menos minimamente, as contribuições que o mesmo apresenta para o desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Para Vygotsky citado por Montagner (1999), sua nova abordagem para a psicologia, tem a perspectiva do homem, enquanto corpo e mente, como ser biológico e ser social, elemento de interação com a construção de um processo histórico.

Oliveira (apud Montagner, p.40) aponta a existência de três idéias consideradas “pilares” básicos do pensamento de Vygotsky:

- As funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral;
- O funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico;
- a relação homem/mundo é mediada por sistemas simbólicos.

Sendo assim, dois itens extremamente pertinentes à realização deste trabalho devem ser considerados. O primeiro referente à importância do meio social para que seja possibilitado o aprendizado e o segundo que tange a mediação interna (simbólica) e externa (social) entre a relação homem e mundo.

Para Oliveira (apud Montagner 1999, p.40):

“Os mediadores sociais podem ser intervenções de qualquer natureza operada por uma pessoa ou grupo de pessoas, objetos ou situações que interfiram e provoquem ou promovam a relação estímulo-resposta. São elementos externos aos homens, socialmente construídos. Os mediadores simbólicos são os instrumentos mentais, responsáveis pelas soluções psicológicas, sendo a própria idéia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo, lembrar, comparar, fazer relações, planejar, etc.”

Ainda concluindo as contribuições de Vygotsky (apud Montagner, 1999, p.41) para este trabalho, é necessário apresentar mais um conceito deste estudioso, que definiu a “zona de desenvolvimento proximal”, entendida como:

“... a distância entre o nível de desenvolvimento real, que costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”

É evidente a importância deste conceito para a apresentação do presente estudo, pois um treinador que negligencie ou desconheça tal conhecimento, poderá facilmente, equivocar-se na aplicação de sua metodologia de ensino. Não relevar a zona de desenvolvimento proximal, pode levar um treinador a querer ensinar a uma equipe, no início do processo de especialização, diversas plataformas de jogo (4-4-2, 3-5-2, 4-3-3) sendo que os garotos sequer apresentam uma boa estruturação de espaço, por exemplo.

Concordo com Montagner, quando ele resume o que a proposta de Vygotsky preconiza, que é um trabalho constante de reconstrução, com grande importância do meio cultural

e de grupos sociais na interação da relação aprendizagem/desenvolvimento. (Montagner 1999, p. 42).

No processo de especialização esportiva a partir do treinamento integrado que este trabalho apresentará, a reconstrução a pouco citada ocorrerá repetitivamente ao longo da formação do atleta.

4.3 A importância do Construtivismo

Entendida as premissas da aprendizagem, uma corrente pedagógica adequada deverá ser abordada para que, de fato, ocorra o desenvolvimento da prática esportiva. Culturalmente, atribuímos à uma questão divina, os grandes atletas que surgem nas diversas modalidades, desconsiderando então quaisquer eficiências no processo de formação no qual determinado atleta foi submetido. Tal explicação, então, deve-se ao inatismo.

Outra corrente extremamente divulgada no âmbito esportivo se refere ao empirismo, ou seja, à reprodução do conhecimento pela simples transmissão, onde o treinador/professor, detentor de todos os saberes de uma modalidade específica, passará todo o seu conhecimento para seus alunos/atletas, ensinando-os da mesma maneira e desconsiderando as capacidades internas de cada indivíduo.

Assim, Freire (1996) propõe uma corrente pedagógica fundamentada no construtivismo, que aborda a construção do conhecimento. Enquanto o inatismo e o empirismo são facilmente explicáveis, explicitar o construtivismo necessita uma maior e mais clara abordagem que permita aos leitores entender em que sentido tal corrente se aproximará da proposta deste trabalho. A visão sobre a metodologia construtivista, que Freire preconiza pode ser definida, como:

“Acredito que somente uma metodologia que leve em conta, tanto a atividade interna da pessoa, quanto às condições ambientais, pode vencer o desafio de uma educação desportiva integrada. A metodologia fundamentada no inatismo investe apenas na pessoa, a que se fundamenta no empirismo investe apenas no ambiente fora da pessoa, a

metodologia construtivista, contudo, investe no meio, na região que integra pessoas e objetos de suas relações, ou seja, nas ações”

Propor uma corrente pedagógica construtivista nos Jogos Desportivos Coletivos implica fazer com que os atletas/alunos entendam os porquês das ações realizadas nos jogos, levando-os a uma compreensão dos problemas que, necessitam ser solucionados da melhor maneira possível. A solução dos problemas originários nos jogos, a partir de uma prática empírica, torna-se contraditória, visto que os atletas são meros reprodutores de ações fechadas, nas quais praticamente não ocorrem durante o jogo, dado sua imprevisibilidade.

Ensinar, baseado nesta corrente, implica um professor capacitado que instigue nos alunos a prática do questionamento, a reflexão das ações, às discussões entre o treinador e os próprios colegas, ou seja, uma somatória de fatores que levem aos praticantes constantemente entenderem, os porquês e para que de cada ação que realizaram. Se as ações são aprendidas, refletidas, questionadas se corretas ou não, de maneira nenhuma podem ser atribuídas a uma ação genética, divina, pré-estabelecida, o que limita totalmente a corrente inatista.

Devo, porém, atentar o leitor ao fato que não se desconsidera a componente genética para o aprendizado e Montagner (1999, p.60) contribui muito bem para essa reflexão ao afirmar:

“Entende-se que o construtivismo proposto por Freire (1996) compõe uma possível interação entre genética e ambiente, entre o interno e o externo, integrando a capacidade genética de aprender com as produções culturais do homem e suas diversas interações, constituindo com resultado o conhecimento de cada indivíduo.”

Estes pontos a respeito da teoria construtivista, em hipótese alguma remetem ao todo que ela apresenta, contudo, aborda de maneira geral seu conteúdo, que preconiza a reflexão, o saber do indivíduo que são pilares básicos para o entendimento das ações nos desportos coletivos, e dentre eles, o futebol, que é o objeto de estudo do presente trabalho.

4.4 Ensino e o futebol

Um dos objetivos deste trabalho é apresentar uma proposta metodológica para o ensino do futebol. Ensinar é uma ação pedagógica e para tanto, ter claro o conceito de pedagogia é fundamental para posterior aplicação na modalidade futebol. Scaglia (1999, pg.24) assim conceitua pedagogia:

“...conectada à condução ao saber, ao conhecimento sistematizado, e para isto se utiliza de várias formas, meios, métodos para atingir o seu fim. Portanto a pedagogia vincula-se às concepções metodológicas, construídas, refletidas e discutidas teoricamente, relativas ao como ensinar, ao que ensinar e para quem ensinar”

É necessário propor competências básicas para que todo o ato pedagógico seja devidamente aplicado, então ainda em seu trabalho, Scaglia (1999), a partir das idéias do Mestre Paulo Freire, elenca as exigências devidas para o ensinar:

- ensinar exige rigorosidade metódica;
- ensinar exige pesquisa;
- ensinar exige respeito ao saberes do educando;
- ensinar exige criticidade;
- ensinar exige estética e ética;
- ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo;
- ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- ensinar exige reflexão crítica sobre a prática;
- ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando;
- ensinar exige bom senso;
- ensinar exige reconhecimento e a assunção da identidade cultural;
- ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;

O futebol é passível de ser ensinado e ao profissional que a isso se proponha, deverá valer-se, inicialmente, das competências citadas acima para desenvolver uma conduta

pedagógica ideal. É importante frisar que, independente da metodologia de ensino que o professor adote as competências acima deverão estar presentes em sua prática pedagógica.

Para Scaglia (1999, p. 26),

“O ensinar, também no futebol, não é uma simples transmissão de conhecimento ou imitações de gestos, onde o aluno seja apenas um receptor passivo, acrítico, inocente e indefeso. Ensinar futebol deve ser entendido como uma prática pedagógica, desenvolvida dentro de um processo de ensino/aprendizagem, que leve em conta o sujeito aluno, criando possibilidades para a construção desse conhecimento, inserindo e fazendo interagir o que o aluno já sabe, com o novo, ampliando-se assim, sua bagagem cultural/motora. A aula deve permitir a troca, a interação, sujeito (aluno) – meio (turma) – esporte (futebol).”

Até o momento, muito se pôde perceber da corrente construtivista, preconizada por Freire, para o ensino do esporte. Tratar a especialização do futebol, necessariamente deverá compreender que, antecipada à formação do atleta está à formação do homem, como ser crítico e participativo no exercício da cidadania. É sabido que, da especialização esportiva até a profissionalização, alguns anos devem ser percorridos e que nem todos os atletas tornarão profissionais. Aplicar uma boa educação, que proporcione indivíduos inteligentes de corpo inteiro, independente de como seja o futuro de quem está sendo formado, deverá ser obrigação do treinador/educador.

Um treinador consciente, que eduque, que forme, que aperfeiçoa e é aperfeiçoado e que pode, sem sombra de dúvida, além de proporcionar à seus alunos conhecimentos técnicos e táticos à respeito do futebol, contribuir para que cidadãos com valores, princípios e moral sejam formados.

Este trabalho, que concebe o treinamento em futebol de uma maneira integrada, valoriza, inicialmente a aprendizagem, o ensinar e sua ação pedagógica além da corrente construtivista. Um olhar acrítico para estes pontos podem levar o leitor a uma não relação dos mesmos com o ensino do desporto futebol ou de quaisquer outras modalidades coletivas. Porém, fortalecer a base deste estudo, compete firmá-la em pilares científicos, largamente explorados e que invariavelmente devem constituir a essência do ensino do futebol. Os tópicos que serão levantados na sequência, só poderão ser compreendidos em sua totalidade se estiverem estritamente relacionados com os itens que foram abordados até então. Uma visão fragmentada,

ou simples análise de partes, não permitirão entender que o ensino do futebol está carregado de complexidade, ciência, competência e comprometimento com a formação de seres atuantes na sociedade, sejam no futuro como profissionais do futebol ou então como amantes da prática, que tiveram a possibilidade de tornarem-se críticos e inteligentes durante seus processos educacionais.

4.5 O Jogo

Poderá ser percebida ao longo deste trabalho, a importância de se treinar de acordo com a especificidade da modalidade. Estabelecendo a relação para o desporto que este material irá explorar, ou seja, o futebol, implica dizer que os treinamentos para esta modalidade devam compreender, invariavelmente, jogos de futebol.

Mas, primeiramente, o que é jogo? Entendê-lo e conceituá-lo será fundamental para a seqüência deste trabalho. Fez-se necessário o entendimento de uma corrente construtivista, que potencialize a constante construção de conhecimento, para a aplicação da metodologia de treinamento integrado. Recorrer à filosofia para conceituar o jogo e buscar sua correlação com a ação construtivista é inegável, visto que, de maneira nenhuma o treinamento integrado deverá ser visto como a aplicação do jogo pelo jogo, sem qualquer fundamentação e que acarrete ao empirismo outrora criticado.

Huizinga (1993, p.3) inicia sua obra afirmando:

“O jogo é o fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à idéia geral de jogo. ... Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que, em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano.”

Nesta afirmação procuro mostrar o quão complexo é o jogo além do quanto ele realmente precisa ser entendido para ser utilizado enquanto método.

No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação (HUIZINGA, 1993). Tais transcendências são estabelecidas pelo autor como a intensidade, a fascinação e a capacidade de excitar, advindas da tensão, da alegria e do divertimento do jogo sendo estas últimas as características fundamentais e essenciais do mesmo.

Todavia, não foi conceituado o jogo e não o será, pois, para Huizinga (1993, p.10):

“... o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as outras formas de pensamento através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social. Teremos, portanto, de limitar-nos a descrever suas principais características.”

Ao estabelecer as características do jogo, paralelos ao mundo do futebol serão estabelecidos a fim de que uma maior compreensão possa ser adquirida pelos leitores que, deverão entender o quão fundamental será o jogo na prática pedagógica pretendida por este trabalho.

A primeira característica identificada pelo autor determina que o jogo é livre, uma atividade voluntária, em que sujeito à ordens deixa de ser jogo, podendo, no máximo, ser uma imitação forçada (HUIZINGA, 1993 p.10). Esta característica exprime o caráter lúdico do jogo. Uma notória crítica se estabelece neste ponto, ao identificarmos, por experiência, por vivência, por observações, os inúmeros técnicos de futebol que determinam as ações que seus jogadores devem executar, como por exemplo: *Toca na direita, chuta pro gol, passa, marca*, privando os jogadores do jogo em si e levando-os somente à imitação mostrada pelo autor.

Outra característica do jogo é sua existência enquanto evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. Para Huizinga, todo o jogo é capaz, a qualquer momento, de absorver inteiramente o jogador. Como prova:

“O pai foi encontrar seu filhinho de quatro anos brincando “de trenzinho” na frente de uma fila de cadeiras. Quando foi beijá-lo, disse-lhe o menino: “Não dê beijo na máquina, Papai, senão os carros não vão acreditar que é de verdade” (Huizinga, 1993 p. 11)

Para esta característica, nada mais simples que identificá-la quando estabelecemos nomes de equipes famosas para as equipes que estão jogando. Em poucos segundos todos os membros da equipe já têm os nomes dos jogadores nos quais eles representarão, invariavelmente, grandes craques do futebol.

A terceira principal característica do jogo é o isolamento, a limitação. Em que é “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço. Possui um caminho e um sentido próprios. Sendo explicitado (HUIZINGA, 1993 p.12):

“Joga-se até que se chegue a um certo fim. Enquanto está decorrendo tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação. ...Mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, torna-se tradição.”

Tenho em mente muitas recordações de jogos que foram “jogados até fim”, e não somente de quando era profissional, pois por vezes esses jogos eram imitações forçadas, tenho guardado os jogos nas várzeas, nas ruas, nas praças. Será que com os milhões de praticantes de futebol é diferente?

Como quarta característica o autor aponta a criação de ordem em que introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, onde a menor desobediência “estraga o jogo”. O jogo lança um feitiço, é fascinante, contém duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia (HUIZINGA, 1993, p13). Como paralelo, indagamos: Alguém permite que a bola saia do seu campo de jogo e este prossiga sem contratempos? Por milhares de vezes presenciei treinadores deixando o jogo seguir quando a bola saia, sobre a premissa de que estavam somente treinando, não sabiam, porém, que estavam “estragando o jogo”.

Outra característica do jogo é a presença da tensão, que determina incerteza, acaso em que se esforça para levar o jogo até o final, ou seja, para ganhar. Como pode ser observado:

“Uma criança estendendo a mão para um brinquedo, um gatinho brincando com um novelo, uma garotinha jogando bola, todos eles procuram conseguir alguma coisa difícil, ganhar, acabar com uma tensão. (...) Esta tensão chega ao extremo nos jogos de azar e nas competições esportivas. Embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do

bem e do mal, o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postos à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade espirituais, sua “lealdade”. Porque, apesar de seu ardente desejo de ganhar, deve sempre obedecer às regras do jogo” (HUIZINGA, 1993 p.14).

O final desta citação leva a mais uma característica do jogo, que é a presença de regras, onde estas determinam aquilo que vale dentro do mundo pelo jogo circunscrito. Elas são absolutas e não permitem discussão, não havendo dúvidas que a desobediência das regras implica a derrocada do mundo do jogo (HUIZINGA, 1993). Não vale um gol com a mão, correto?

Como última característica do jogo que deve ser apresentada e extremamente pertinente a este trabalho é o fato de que a qualquer momento é possível a “vida cotidiana” reafirmar seus direitos, seja por impacto exterior que interrompa o jogo, uma quebra de regras, ou impacto exterior que afrouxe o espírito de jogo.

Espero que, as contribuições de Huizinga (1993) possam situar o leitor para a sequência deste trabalho que apresentará uma metodologia cuja essência, utiliza o jogo como meio de aprendizado da modalidade futebol. No tópico seguinte será feita a classificação de jogo na qual o futebol é inserido, onde o leitor poderá observar todas as características aqui explicitadas.

4.6 O Jogo Desportivo Coletivo

Uma vez entendido o que é jogo, serão indicados os elementos que inserem o futebol como um Jogo Desportivo Coletivo (JDC).

Theodurésco (apud Bayer, 1994 p.53) define Desporto Coletivo como:

“ O desporto colectivo representa uma forma de actividade social organizada, uma forma de exercício físico-desportivo tendo um carácter lúdico, agonístico e processual, onde os participantes, os jogadores, constituem duas equipas (formações), que se encontram numa relação de adversidade típica, não hostil a que chamamos rivalidade desportiva,

relação determinada por meio duma luta, afim de obter a vitória desportiva com a ajuda da bola ou um objeto de jogo, manobrado de acordo com as regras pré-estabelecidas.”

O futebol pode facilmente ser compreendido como um desporto coletivo, pois, sabidamente apresenta o que Bayer (1994, p. 32) definiu como denominadores comuns dos JDC:

- Um objeto esférico (bola) que pode ser lançado pelo jogador quer com a mão, quer com o pé ou por intermédio de um instrumento;
- Um terreno demarcado, mais ou menos grande, no interior do qual se vai desenrolar a partida, limite da acção dos jogadores;
- Um alvo a atacar ou a defender, variável igualmente segundo o jogo.
- Os parceiros que ajudam a progressão da bola com as diferentes partes do corpo;
- Os adversários que devem ser vencidos;
- Regras que se devem respeitar, variáveis segundo os diferentes jogos, mas muitas vezes variáveis igualmente para o mesmo jogo, duma região para outra.

Entendendo o futebol como um desporto coletivo, regido pelas suas dezessete regras oficiais, que aqui não são pertinentes suas explicitações devido aos objetivos do presente trabalho, seguirão os tópicos referentes às variáveis necessárias para a compreensão desta modalidade a partir de um treinamento integrado.

4.7 O Processamento da Informação nos JDC

Sabidamente, nos Jogos Desportivos Coletivos, vários componentes estão presentes e inter-relacionados, que são: bola, adversário, colega, terreno de jogo, torcida, etc. No futebol, não é diferente. A percepção do meio por parte do praticante faz-se fundamental para a ideal resposta frente à quantidade de problemas existentes no jogo, por exemplo, realizar um passe, flutuar, fazer uma ultrapassagem, finalizar.

Para o jogador, as funções mentais, que são pré-requisito para o rendimento, serão a cada instante, fortemente exigidas, onde tomar a decisão correta implicará fazê-la também no menor espaço de tempo que for capaz.

A tomada de decisão nos JDC estará estritamente relacionada aos estímulos visuais que o praticante observar, a partir destes estímulos ocorrerá a formação de um pensamento tático acompanhada da posterior ação motora para a solução do problema apresentado.

Entender o mecanismo de processamento da informação é importante para fundamentar os conteúdos abordados nesta revisão, relacionados ao aprendizado do jogo coletivo.

Em seu livro, Tavares (apud Alves, 1990 p.36) identifica as seguintes fases desde o estímulo visual até a execução da ação:

“o estímulo (e a informação nele contido), começa por ser recebido (detectado) pelo órgão sensorial (visão, audição, etc.) sob a forma de energia física (luz, som, etc). No órgão sensorial, esta energia é traduzida e é encaminhada pelos nervos aferentes para a zona sensorial do SNC respectivo. Este é o chamado processo sensorial e tem uma duração relativamente curta. Uma vez o estímulo chegado ao SNC, é detectado pelos mecanismos perceptivos, analisadas as suas características, comparadas com a informação contida em memória e finalmente identificado.”

Após a identificação do estímulo, uma série de respostas possíveis serão buscadas a partir de mecanismos associativos onde a fase em que se encontra é a de seleção da resposta. O passo seguinte se direciona aos mecanismos efetores que irão programar a solução que será enviada pelos nervos eferentes ao sistema muscular que executará a resposta.

Para Tavares, o processamento desta informação é estritamente sequencial e então apresenta o que McClelland (1979) e Miller (1988) propõem como um processo em cascata, no qual a execução da resposta, a partir da unidade de memória, é produzida enquanto a análise do estímulo está ocorrendo.

Visto que este mecanismo de processamento da informação é passível de melhora, ajustá-lo com uma metodologia de treinamento esportivo eficiente é fundamental para um maior rendimento. As ações táticas dos JDC dependerão de um eficaz processamento da informação, onde, pela percepção e análise da situação será possível identificar o problema

apresentado, a fim de que se estabeleça a solução mental para o problema em que o jogador buscará a que ele pensa ser a mais adequada para a situação. Ocorre, por fim, a resposta motora que deve ser realizada de maneira eficaz. Logo, a realização com sucesso de uma ação não está unicamente centrada na técnica, mas também no conhecimento, por parte do praticante, do objetivo da própria ação.

Como responsável por melhorar o processamento da informação dos alunos encontram-se os treinadores/professores que deverão propor os treinamentos adequados, que potencializem as melhorias dos praticantes dos JDC, lembrando que será necessário o entendimento do que deve ser feito, que é a intenção tática antes do como deve ser feito, ou seja, a ação técnica. Infelizmente, observa-se o oposto, ou seja, uma excessiva preocupação com o gesto motor perfeito desvinculado do entendimento e pertinência do mesmo.

Buscando melhorias no processo de ensino/aprendizagem dos Jogos Coletivos, no tocante às formações das ações técnico-táticas, (Tavares e Faria, 1993 p.43) propõem

“Diminuir as exigências colocadas no nível do processamento da informação, reduzindo o número de elementos a transmitir. A redução da informação e da velocidade com que a mesma é transmitida, têm-se revelado como métodos eficazes para desenvolver as capacidades mentais dos jogadores na resolução das ações técnico-táticas na actividade desportiva.

Na formação teórica da tática releva-se importante a instrução da tomada e processamento da informação por parte do atleta. Isto significa que para a eficácia na ação na ação do jogo é importante o jogador perceber o maior número possíveis de sinais. Por outro lado, a concentração sobre os elementos de jogo que possuem significado, permite evitar uma sobrecarga da informação que no principiante conduz frequentemente a erros. Ou seja, é necessário focalizar a atenção do praticante na informação relevante, através da apresentação do essencial da execução motora.

O comportamento tático do jogador deve ser realizado e consolidado através de uma progressão na dificuldade da tarefa. Ou seja, utilizar exercícios: (i) sem a presença de adversário (o processamento da informação é relativo à tarefa); (ii) com adversário passivo (processamento da informação realizado evitando o constrangimento temporal da tarefa); (iii) com adversário activo (a informação toma neste caso a noção da realidade da competição).

O conceito de tática individual deve ser o ponto de referência básico para estruturar uma seqüência de aprendizagem das ações individuais nos jogos desportivos que possibilite a formação de jogadores com capacidade de decisão própria.

Devemos combinar o treino da percepção com o treino da decisão, i.e., transmissão de esquemas de acção para resolver situações técnico-táticas específicas.”

Isto posto, serão apresentados nos tópicos seguintes do presente trabalho, autores que apresentam uma metodologia de ensino para os JDC e conseqüentemente para o futebol, que potencializam os resultados observados no processamento da informação e posterior tomada de decisão para os problemas advindos do jogo. Adianta-se que, para isto, propor aulas/sessões de treino que promovam o desenvolvimento conjunto da técnica e tática será fundamental, pois, para (Tavares,1995 p.44):

“Se considerarmos a componente tática ligada às análises e decisões (pelo que deve ser treinada a partir da formulação de execuções técnicas), então a execução deve ser estreitamente ligada às fases mentais anteriores que, nas situações variáveis e complexas como as que caracterizam os JDC, desempenham um papel importante para o êxito da acção desportiva. Assim sendo, é evidente a sua importância na preparação desportiva do jovem praticante de jogos desportivos colectivos.”

Entender cada autor que apresento à frente será de grande contribuição para a perspectiva da metodologia que se pretende apresentar neste trabalho, ou seja, o treinamento integrado.

4.8 O ensino dos JDC e alguns autores

4.8.1 Pablo Juan Greco

Um processo de ensino/aprendizagem/treinamento esportivo adequado, invariavelmente, depende de uma metodologia de ensino apropriada que permita ao praticante um ótimo desenvolvimento de suas potencialidades.

Greco (1998) explicita em seu texto, duas das metodologias de ensino mais utilizadas pelos pedagogos:

- Método analítico-sintético
- Método global funcional.

Antes de abordá-los, cabe deixar claro o objetivo de toda metodologia de ensino/aprendizagem/treinamento, que é o de levar os alunos a um nível melhor de rendimento, lhes sendo propiciados os melhores caminhos e ferramentas para que isto ocorra.

No princípio metodológico analítico-sintético, a realização de exercícios ocorre por partes, fragmentos, onde se preconiza uma perfeita execução da técnica, sendo esta privilegiada e necessária para uma boa realização do jogo. O aprendizado das ações motoras ocorrerá por repetição e novos programas de treinamento surgem de acordo com a evolução do domínio dos gestos dos alunos. Nesta metodologia, as aplicações de jogos ocorrem esporadicamente, o que é, no mínimo, questionável ao se considerar a necessidade da prática do jogo para que os alunos evoluam nas quatro vertentes do treinamento que são: técnica, tática, física e psicológica.

A ênfase exclusiva na técnica fragmenta erroneamente o que deve ser visto como algo indivisível para o acesso ao bom jogo. Algum professor que aplique esta metodologia demonstra, indubitavelmente a sua desinformação quanto às competências necessárias para ser um bom pedagogo dos Jogos Coletivos.

Em oposição a este método, o autor apresenta o princípio global-funcional, em que, por meio de jogos recreativos compatíveis com a faixa etária, procuram se ajustar os componentes do treinamento. A simples execução do jogo, se corretamente abordado e aplicado já pode otimizar o rendimento dos alunos para a melhora do nível de jogo pois, segundo (Greco,1998 p.47):

“A prática do jogo, ou seja, o confronto com a situação de jogo real são elementos indispensáveis para que o aluno possa construir e modificar seus sistemas individuais de ação e comportamento e assim otimizar sua aprendizagem e seu posterior treinamento, pois seus sistemas de memória (reconhecimento e recordação) estarão diretamente

ligados ao sistema de recepção transmissão e elaboração de informação já “trabalhados”.

Parece claro, que para se jogar bem, o processo de ensino/aprendizagem/treinamento deve conter em sua essência o jogo, pois somente ele possibilitará ao aluno possíveis situações que possam ocorrer em competições, práticas formais e que se assemelhem ao que fora treinado. Qualquer ação tecnicista na metodologia de treinamento possibilitará ao aluno somente uma execução de um gesto tecnicamente perfeito, mas com totais possibilidades de ser executado de forma descontextualizada, com uma ação motora sem uma reflexão tática adequada.

Faz-se aqui, então, a crítica a este método que apesar de propiciar a prática do jogo, não o leva a uma reflexão, pelos alunos, que potencializem seus aprendizados. O jogo pelo jogo não leva ao aprendizado do que fazer, ou seja, da melhor ação tática para solucionarem os problemas que surgem no jogo.

Este aprendizado está diretamente ligado, segundo o autor, a cinco processos. Sendo estes:

- Processos cognitivos de antecipação e processos motores de execução da ação;
- Processos motivacionais e de avaliação que influenciam a regulação das ações;
- Nível de potencialidade das capacidades motoras;
- Nível das capacidades técnico-coordenativas;
- E, principalmente, a construção do conhecimento: a contextualização sociocultural das atuais estruturas do jogo, como se chegou a elas, das regras etc.

Potencializar este aprendizado, para Greco, implicará a aplicação do método situacional, que será elucidado a seguir.

O jogo coletivo, e conseqüentemente o futebol, apresenta uma variabilidade de ações individuais imprevisíveis que fatalmente necessitam de ações táticas individuais inteligentes para impedir as ações dos adversários. Na iniciação esportiva, este fator é facilmente

não observado ao se notar o agrupamento de todos, ou pelo menos da maioria dos praticantes, em direção à bola. Desconsidera-se todo o espaço em que ocorre o jogo e todas as ações táticas levam a uma busca da bola para jogar.

Muitos acreditam que a melhora do nível de jogo ocorrerá naturalmente, com o avanço da idade e com o aperfeiçoamento do gesto técnico, restringindo completamente os processos cognitivos que os alunos apresentam e que devem ser totalmente considerados no processo de ensino/aprendizagem/treinamento.

Eis a importância da metodologia situacional, onde:

“O método situacional se compõe de jogadas básicas extraídas de situações padrões de jogo. Estas situações de jogo podem, às vezes, não abranger a idéia total do jogo, porém, elas têm o elemento central do mesmo.

As grandes vantagens deste método de ensino se baseiam na proximidade das ações e situações apresentadas com as situações reais do jogo competitivo formal. Assim também na possibilidade de que o aluno conheça o jogo em suas diferentes fases e planos, conforme estruturas típicas do mesmo, inter-relacionando sempre suas capacidades técnicas, táticas e cognitivas na busca de soluções para as tarefas-problemas que a situação padrão demanda.” (GRECO, 1998 p.51)

A correta aplicação deste método é a que melhor aperfeiçoa a percepção, antecipação e tomada de decisão, três processos cognitivos fundamentais para o desenvolvimento da boa capacidade de jogo. É válido lembrar, que apesar da ênfase não ser direcionada a técnica nesta metodologia, em nenhum momento ela será esquecida ou não abordada, pois para cada ação tática que busque solucionar um problema do jogo, como por exemplo, fazer um passe para o companheiro da equipe melhor colocado implicará numa ação técnica perfeita. A ressalva neste item compreende a conceituação do gesto técnico perfeito, que ao contrário de ser um movimento biomecanicamente correto resume-se a um ato eficiente e que resolva a situação que fora imposta na partida, neste caso, acertar o passe ao companheiro.

No tocante a idade para o início desta metodologia, o autor propõe a faixa etária de 10 à 14 anos, pois, cognitivamente os alunos já podem ser instruídos a pensarem taticamente, ou seja, aprender tomarem atitudes que melhor resolvam os variados problemas do jogo.

O autor utiliza uma expressão extremamente correta na aplicação desta metodologia, que é construir o jogo a partir da realidade do mesmo, nada mais que a aplicação de

um dos princípios do treinamento, ou seja, a especificidade. Se os alunos são praticantes de um Jogo Coletivo, invariavelmente a aprendizagem da modalidade deverá compreender formas jogadas e não treinos fragmentados.

É importante citar a preocupação que o professor deverá ter com sua turma, ao se utilizar esta metodologia, porque deverão ser considerados fatores como nível de experiência dos alunos, idades evolutiva e biológica dos mesmos além de fatores motivacionais, que são fundamentais para a boa prática do jogo. Tendo isto em conhecimento, maiores serão as possibilidades que os alunos terão de, por meio de um ótimo processo de ensino/aprendizagem/treinamento, possuir maior inteligência para o jogo.

4.8.2 Júlio Garganta

A vivência em jogos desportivos coletivos permite se corretamente abordada, o desenvolvimento de diversos planos de um indivíduo, entre os quais, evidencia-se o tático-cognitivo onde pode ser facilmente interpretado como o aprendizado de resoluções de problemas inerentes ao jogo, o técnico, em que a total relação com a bola possibilita o maior domínio das ações motoras pertinentes ao desporto específico e o sócio-afetivo, onde a motivação e o prazer de jogar, podem ser facilmente abordados em caráter coletivo de cooperação entre a equipe e competição entre os adversários ratificando a importância deste último enquanto cabível à valores morais e passível de ser trabalhada para formação dos indivíduos.

Os JDC apresentam uma infinidade de situações imprevistas, onde ações inteligentes dos praticantes serão necessárias para que anulem as ações dos adversários e potencializem as probabilidades de êxito da sua equipe. Tal probabilidade será conseguida com a resolução de problemas relacionados à vertente tático-cognitiva dos indivíduos que pratiquem o jogo, sendo explicitado da seguinte maneira:

“A forma de atuação de um jogador está fortemente condicionada pelos seus modelos de explicação, ou seja, pelo modo com ele concebe e percebe o jogo. São esses modelos que orientam as respectivas decisões, condicionando a organização da percepção, a compreensão das informações e a resposta motora. Nesta medida, nos JDC a dimensão

tática ocupa o núcleo da estrutura de rendimento (Konzag, 1991; Faria & Tavares, 1992; Gréhaine, 1992), pelo que a função principal dos demais fatores, sejam eles de natureza técnica, física ou psíquica, é a de cooperar no sentido de facultarem o acesso a desempenhos táticos de nível cada vez mais elevado.” (GARGANTA, 1995 p.13)

Um grande equívoco no desenvolvimento das modalidades coletivas no que tange os meios e métodos de treinamento se refere às pesquisas e aplicações científicas transferirem dos esportes individuais os modelos mais eficientes de treino para a busca da melhora de rendimento da equipe.

Estas atitudes interferem diretamente nos processos de ensino/aprendizagem das modalidades coletivas que passam a privilegiar as ações técnicas individuais, que aprendidas separadamente levam a uma melhora da *performance* e que a repetição dos gestos motores é um facilitador para o aprendizado. Acredita-se que a soma das habilidades técnicas individuais adquiridas levarão ao maior desempenho coletivo.

É válido lembrar que este tipo de metodologia desconsidera a necessidade das razões do fazer (tática) estar estritamente relacionada ao modo de fazer (técnica).

Resumir o jogo de futebol, de maneira simples, pode afirmar que compreende duas equipes, cada uma com um alvo para atacar e outro para defender, existe uma bola que deve ser colocada no alvo para conseguir marcar pontos, há um terreno de jogo e regras devem ser respeitadas. Tais características servem para qualquer desporto coletivo, com certas especificidades para alguns deles, porém como o presente trabalho aborda o futebol assim o será utilizado.

Esta abordagem não explicita a dimensão física do jogo, que se caracteriza por esforços intermitentes, ou seja, com alternância de intensidade e duração e necessidade das capacidades físicas de força, velocidade, resistência e coordenação.

O autor evidencia que nos Jogos Coletivos os problemas a serem resolvidos durante o jogo apresentam caráter essencialmente tático. A resposta para cada complexo e imprevisível problema que aparece a cada instante dependerá de uma ação coletiva para que o êxito seja obtido, logo, treinar-se a repetição, que valoriza a técnica e o individual diverge do que ocorrerá no jogo.

Para Garganta (1995), ensinar uma modalidade coletiva implica a aplicação de formas jogadas onde as capacidades técnicas sejam somente um dos requisitos para o

desenvolvimento do bom jogo. A partir das fases iniciais do aprendizado a assimilação de um conjunto de princípios é necessária, respeitando o nível de desenvolvimento do praticante e as exigências do jogo.

Um meio interessante enquanto facilitador da aprendizagem, segundo o autor, são as formas jogadas, reduzidas em número de participantes e terreno de jogo. Estas possibilitam um maior número de ações de cada praticante que, se corretamente abordados, adquirem evolução do nível de jogo.

Um fato óbvio e conseqüentemente comum nas fases iniciais do aprendizado do jogo coletivo é a presença de fatores que caracterizam um jogo de má qualidade. Estes fatores podem assim ser listados (Garganta, 1995 p.18):

Indicadores do jogo de fraco nível:

- todos juntos da bola
- querer a bola só pra si
- não procurar espaços para facilitar o passe do colega que tem a bola
- não defender
- estar sempre a falar para pedir a bola ou criticar os colegas
- não respeitar o árbitro

Parece claro, que uma metodologia de ensino/aprendizagem que se preocupe exclusivamente com a técnica dificilmente elevará seus praticantes ao que Garganta denomina como **fatores de desenvolvimento do bom jogo** e que os compreende:

- fazer correr a bola
- afastar-se do colega que tem a bola
- dirigir-se para espaços vazios no sentido de receber a bola
- intencionalidade: receber a bola e observar
- ação após o passe: movimentar para criar linha de passe
- aclaramento: afastar-se do colega que tem a bola e ocupar o seu espaço
- não esquecer o objetivo do jogo (gol)

Ainda caracterizando jogos de má e boa qualidade, o autor apresenta conceitos de estruturação de espaço, comunicação na ação e relação com a bola sendo as unidades funcionais que concernem quaisquer jogos.

Em relação à Estruturação do Espaço, pode-se dividi-la em defensiva e ofensiva. Na primeira, a equipe que pratica o jogo deve buscar vantagem espacial e numérica, saber jogar perto e longe da bola além de ocupar equilibradamente as zonas do terreno do jogo. Considerando o aspecto ofensivo almeja-se a criação e ocupação de espaços e também a realização do jogo em profundidade e em largura.

Enquanto Comunicação na Ação, também é dividida em defensiva, com objetivos de contenção do adversário, conquista da posse de bola, fechar linhas de passe e entreajuda e a vertente ofensiva onde buscam-se as desmarcações e superioridade numérica.

A última unidade funcional é a de Relação com a Bola, onde os jogos referentes a esta unidade devem exercitar a proprioceptividade, a visão periférica a apreciação de trajetórias e o equilíbrio dos apoios.

Analisar o jogo pelas unidades funcionais permite classificá-lo em diferentes níveis de qualidade que serão indicadas na sequência. Garganta (1995 p.19), em seu texto, ordena as seguintes fases, que podem ser observadas na figura da página seguinte:

Fases	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a bola
Jogo Anárquico Centrado na bola, subfunções e problemas na compreensão do jogo.	abuso na verbalização, sobretudo para pedir a bola.	aglutinação em torno da bola e subfunções.	elevada utilização da visão central.
Descentração A função não depende apenas da posição da bola.	prevalência da verbalização.	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo.	da visão central para a periférica.
Estruturação Conscientização da coordenação das funções.	Verbalização e comunicação gestual.	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo).	do controle visual para o proprioceptivo.
Elaboração Ações inseridas na estratégia da equipe.	Prevalência da comunicação motora.	Polivalência funcional. Coordenações das Ações (tática coletiva)	Otimização das capacidades proprioceptivas.

Figura 1 – Fases dos diferentes níveis de jogo nos JDC. (Garganta, 1995, p19)

A evolução destas fases necessita uma metodologia de ensino-aprendizagem que valorize o aspecto de entendimento do jogo respeitando, obviamente, a idade e nível de desenvolvimento da equipe.

A evolução da complexidade das atividades é fundamental para que a aprendizagem seja constante e para isto o autor elabora níveis de relação que devem ser seguidos para o ensino do jogo do ponto de vista pedagógico:

“Eu-bola: atenção sobre a familiarização com a bola e seu controle;

Eu-bola-alvo: atenção sobre o objetivo do jogo; finalização;

Eu-bola-adversário: combinação de habilidades; conquista e a conservação da posse de bola, procura da finalização.

Eu-bola-colega-adversário: jogo a 2, passa e vai, passe e segue, contenção e cobertura defensiva.

Eu-bola-colega-adversários: jogo a 3, criação e anulação de linhas de passe, penetração e cobertura ofensiva.

Eu-bola-equipe-adversários: do 3x3 ao jogo formal, assimilação e aplicação dos princípios de jogo, ofensivos e defensivos.”

Pode ser observado que os níveis de relação evoluem do mais simples ao mais complexo, do mais fácil ao mais difícil onde os diferentes níveis de turma e idade indispensavelmente necessitarão diferentes tipos de aula. Nota-se que em nenhum momento privilegiou-se a técnica para o aprendizado do bom jogo, parece que a competência tática pode contribuir em maior escala para tal aprendizado.

Para que esta competência evolua nos praticantes a presença do jogo é premissa básica para o desenvolvimento da equipe. Somente ele permitirá ao treinador/professor analisar o nível de compreensão, evolução e limitação da turma no tocante ao entendimento do jogo.

Conclui-se com o que já fora argumentado várias vezes, mas mantém importante a ratificação com a afirmação de Garganta (1995 p.23).

“O ensino dos JDC não deve sob pretexto algum circunscrever-se à transmissão de um repertório mais ou menos alargado de habilidades técnicas (o passe, a recepção, o drible), nem à solicitação de capacidades condicionais e coordenativo-condicionais (Resistência, Velocidade, Força). Importa, sobretudo desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de

gestos e se centre na assimilação de regras de ação e princípios de gestão do espaço de jogo, bem como de formas de comunicação e contra-comunicação entre jogadores.”

4.8.3 Amandio Graça

Graça (1995) é mais um autor que atenta para o a problemática metodologia de ensino dos Jogos Coletivos voltados à execução da técnica, onde o gesto motor é privilegiado em detrimento aos porquês do jogo.

O domínio da técnica não possibilita, necessariamente, a acertada resolução para os inúmeros problemas do jogo. A posição dos colegas, adversários, a localização do praticante no terreno de jogo e a distância do alvo que se ataca ou defende, influenciarão diretamente na melhor resposta para a situação da partida, onde uma boa percepção e rápida tomada de decisão serão necessárias. Estas duas, de maneira nenhuma, se relacionam exclusivamente ao gesto motor perfeito.

Este gesto é importante para o desenvolvimento da capacidade do jogo, porém, para o autor em questão, não deve ser trabalhada como habilidade fechada. Além disso, os exercícios nos quais os praticantes dos JDC devem ser submetidos necessitam englobar a prática das habilidades em contextos variados, exercitarem a resposta motora do problema relacionada com o porquê do uso desta resposta, evidenciando a técnica aliada à tática, além de criar situações que propiciem uma transferência aproximada do que ocorrerá no jogo.

Ensinar bem os JDC, inicialmente, depende de um professor que tenha definido a profundidade, extensão, seqüência e ênfase dos conteúdos que serão abordados. Para isto, Rink (apud Graça, 1995 p. 29) define que a estruturação e condução do ensino deverão compreender os conceitos de progressão, refinamento e aplicação que, são assim conceituados:

“Por progressão entendem-se decisões pedagógicas que envolvem a manipulação do grau de complexidade das tarefas de aprendizagem, contemplando aí o encadeamento estrutural e seqüencial das tarefas. O refinamento tem a ver com a definição dos elementos de qualidade da resposta dos alunos, que sob o ponto de vista da execução motora, quer sob o ponto de vista do seu uso estratégico, e orienta e circunscreve o

enfoque das observações e correções sobre a realização das tarefas. Por último, a aplicação diz respeito à colocação de situações de competição e ou de auto-avaliação, para incidir no seu objetivo externo, no sancionamento do rendimento da atividade (quem ganha? Quanto é que eu consigo fazer?)”

A partir destes preceitos pedagógicos é proposto pela autora um modelo de progressão dividido em quatro níveis de complexidade:

- situações de tipo 1 : exercitação das habilidade simples sem oposição;
- situações de tipo 2 : exercitação da combinação de habilidades ainda sem oposição;
- situações de tipo 3: exercitação em situações de oposição simplificada, formas parcelares de jogo, número reduzido de jogadores em vantagem ou igualdade numérica;
- situações de tipo 4: exercitação em situações muito semelhantes ao jogo formal.

Outro modelo apresentado pelo autor é o baseado nas idéias de Mertens e Musch (1990) que apresentam uma abordagem para os Jogos Desportivos Coletivos, onde a estrutura do modelo compreende três itens. O primeiro, relacionado às simplificações do jogo formal em formas de jogo modificadas, o segundo, a relação entre formas de exercícios e formas de jogo e por último, um modo de interar formas de exercícios e formas de jogo no decorrer do ensino.

Deverá ser considerado para aplicação deste modelo, o que se preconiza para a operacionalização de um bom jogo à turma que será ensinada, e por meio de formas jogadas simplificadas propor situações que facilitem a aquisição de competências para a melhora do nível de jogo dos praticantes.

As formas de jogo utilizadas devem conter os conceitos do jogo formal, que apresenta situações de finalização e oposição à finalização, criação de oportunidades e impedimento de tais criações e também de construções de ataque com igual oposição. Além disso, as relações de cooperação e oposição entre as ações de ataque e defesa devem ser preservadas e as execuções de respostas fechadas excluídas, onde diversas respostas podem

ocorrer para cada situação-problema do jogo, porém caberá ao praticante definir qual a melhor solução.

Ainda sobre as formas jogadas, orienta-se a respeito de um menor número de participantes, diminuição do espaço do terreno de jogo sendo assim, mais provável que o número de situações que necessitem ações inteligentes dos praticantes apareça de formas simplificadas e em maior número.

Frisa-se neste ponto a importância da técnica, pois ela permitirá uma resposta mais segura ao problema do jogo. Atenta-se, no entanto, para a execução da mesma a partir de uma origem tática e não o inverso. Para uma situação em uma partida de futebol, exemplifica-se evidenciando um chute ao gol realizado com a parte interna do pé e o atleta que realizou o chute, situado fora da grande área. O problema para a cena é de origem técnica ou tática? Erroneamente pode ser respondido como problema do chute, ou seja, técnico. Porém, o questionamento deve ser levantado a partir da questão do por que do chute com a parte interna. Seria esta a melhor solução para o problema? Deve-se notar que a perspectiva para a análise da situação possui natureza tática.

Sabido isto, as estratégias de ensino aos praticantes dos JDC, deverão possibilitar que seja estabelecida a cultura da leitura de jogo por parte dos alunos, onde os mesmos sejam confrontados com os problemas que o jogo propicia e envolvê-los com variadas situações para que apliquem os conhecimentos que possuem. O erro dos alunos torna-se uma poderosa ferramenta ao professor, que pode valer-se dela para ajudar os alunos a desenvolverem estratégias mais apropriadas para que gradativamente os alunos adquiram autonomia para o jogo.

Ainda no tocante as estratégias Metzler (apud Graça 1995, p.33) propõe atitudes básicas que o professor pode aplicar para a melhoria da qualidade do ensino do jogo:

- chalk-talk: representação gráfica da colocação ou movimentação dos jogadores e da bola;
- walk-through: realização em movimento lento, ou a passo, do desenvolvimento de uma movimentação atacante ou defensiva;
- situations: equacionar com os alunos as possibilidades de resolver uma dada situação, avaliar as melhores possibilidades;

- instant-replay: parar o jogo, retomar uma situação, confrontar a resposta dos alunos com a resposta mais adequada para essa situação;
- player-coach: participar no jogo para regular a movimentação e facilitar a interpretação das situações de jogo por parte dos alunos.
- Tv analyst: analisar e resumir a forma como alunos estão a jogar, evidenciar as falhas e os avanços mais importantes e as causas dos sucessos e insucessos;
- you make the call: interpelar um aluno acerca do motivo de uma interrupção do jogo. Que regra foi violada? Que erro foi cometido?

Ao professor, competirá saber o momento adequado de aplicar cada uma destas sete estratégias, respeitando o nível de conhecimento da turma, de cada aluno e a relevância da intervenção de acordo com os objetivos esperados pelo professor.

Concluindo, com o que já fora abordado por diversos autores, orienta-se quanto à não utilização de uma metodologia de ensino que se centre num somatório de habilidades isoladas e sim nas formas jogadas devidamente sequenciadas, estruturadas e planejadas com o total acompanhamento do professor a fim de que uma evolução dos praticantes enquanto compreensão, interpretação e participação no jogo sejam observadas.

4.8.4 Jocimar Daolio

Esta proposta metodológica para o ensino do Desporto Coletivo compreende ao último autor, sobre este tema, no qual o presente trabalho irá abordar.

Daolio (2002 p.100) afirma que:

“...as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis variantes: uma bola (ou implemento similar), um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar um alvo a defender) e regras específicas. Possuindo estrutura comum é possível considerar as modalidades esportivas dentro de uma mesma lógica, o

que as tornam passíveis de um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino. Esta abordagem considera as semelhanças entre as modalidades, definindo seis princípios operacionais comuns, divididos em dois grandes grupos, um para o ataque e outro para defesa.

...os três princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção de ponto. Os três princípios operacionais de defesa são: recuperação da bola, impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e proteção do alvo visando impedir a finalização da equipe adversária.”

Analisando o futebol, obviamente como desporto coletivo, os princípios operacionais podem ser facilmente observados. O aprendizado destes princípios operacionais estará gravemente comprometido se a ênfase na metodologia de ensino se prender à técnica, desconsiderando os conceitos de tática individual e coletiva, onde ações coordenadas de cada indivíduo com o grupo são indispensáveis para uma maior qualidade do jogo, ou seja, jogar bem vai muito além da equipe conseguir responder as questões técnicas ocorridas durante a partida, pois compreende um somatório de ações inteligentes e cooperativas dependentes da leitura do jogo por parte dos praticantes.

Daolio (2002) critica duramente a Educação Física que, tradicionalmente, estabelece uma única maneira de executar um gesto esportivo, considerando os demais movimentos como errôneos ou incompletos e, por conseguinte, indesejáveis. Ele aponta que é indubitável a eficiência e beleza dos gestos técnicos observados em atletas de alto nível, porém, transferi-la para uma metodologia de ensino/aprendizagem de ingressantes numa modalidade esportiva implica privar os alunos de uma infinidade de soluções técnico-táticas que podem sim, resolver os problemas que o jogo apresenta.

Não se exclui a técnica, no entanto a mesma deve ser aplicada no momento correto do processo de aprendizagem do desporto. O autor propõe então o modelo pendular de ensino dos JDC, que apresenta uma base (com menor grau de movimento), uma região intermediária e uma extremidade (com maior amplitude).

A base do pêndulo corresponde aos princípios operacionais há pouco explicitados. Na porção intermediária, atenta-se para as regras de ação, onde iniciam-se as particularidades de cada modalidade, com ênfase na resolução dos problemas que o jogo apresentar e, por último, a extremidade do pêndulo com os gestos técnicos, que apresentam

grande variabilidade e se relacionam estreitamente com cada determinada modalidade e deverão receber ênfase no momento adequado no processo de ensino/aprendizagem. Sendo assim, Daolio afirma: (2002, p.103)

“É importante destacar que a dimensão técnica no ensino do Esporte Coletivo estará presente durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Quando um aluno arremessa à bola a cesta de Basquetebol com as duas mãos, ou quando recebe uma bola no Voleibol com um soco, este aluno está executando uma ação inteligente com os meios técnicos que lhe são possíveis naquele momento de aprendizagem e os executou com significados culturais que lhe são próprios no seu contexto. Há que se garantir que ele esteja compreendendo sua ação, tanto individual como coletivamente esteja motivado para continuamente poder transformá-la. Por meio do modelo pendular ora apresentado, pretende-se mostrar a necessária ênfase, ao longo do processo de aprendizagem, em cada aspecto do Esporte Coletivo. Inicialmente, nos princípios operacionais; posteriormente, nas regras de ação; e, finalmente, na execução dos gestos técnicos.”

Pretende-se aqui, deixar claro, o que não pode ser confundido pelo leitor em todos os autores que foram apresentados. A presença da técnica para a formação de um jogador de desporto coletivo, para o caso deste trabalho, um jogador de futebol, ocorrerá durante todo o processo de ensino/aprendizagem/treinamento no qual este seja submetido. As severas críticas que se vêem presente em todos os textos se devem ao fato da sua exacerbação enquanto componente exclusiva para o acesso ao bom jogo, por parte dos praticantes. Conclui-se então que, ajustar a técnica juntamente com as demais vertentes do treinamento, respeitando a faixa etária e nível de desenvolvimento do jogo pela equipe são premissas básicas para iniciar uma especialização esportiva adequada e, na especialização, valer-se dos referenciais teóricos abordados até o momento que preconizam valiosos modelos, cada um com sua particularidade, de ensino do jogo de futebol.

4.9 Treinamento Esportivo e Especialização

Entende-se por treinamento esportivo, baseado em Matwejew (1972), como o preparo físico, técnico/tático, psíquico e moral do atleta através de exercícios físicos. Essa definição permite entender que todas as vertentes deverão ser treinadas a fim de que o melhor rendimento seja alcançado.

Na leitura de Weineck (2003) podem ser observados os princípios do treinamento esportivo:

- Princípio da Sobrecarga para a Ruptura do Efeito de Adaptação
- Princípio da Ciclização para Assegurar a Adaptação
- Princípio da Especialização para Especificação do Treinamento
- Princípio da Proporcionalização

O terceiro item, dos citados acima, merece destaque neste trabalho, em que, para Weineck (2003, p.35), não se pode ocorrer um elevado desempenho sem que haja uma especialização orientada e oportuna.

Para Bompa (2002, p.36) a especialização representa o principal elemento exigido para se obter sucesso em um desporto. Referir-se à especialização, implica propor programas de treinamento específicos para uma determinada modalidade que levem às mudanças anatômicas, fisiológicas e cognitivas que estejam relacionadas com o desporto. É importante ratificar que todos os demais princípios do treinamento apresentam sua devida importância e não serão explicitados por fugir dos objetivos deste trabalho.

Segundo informações, ainda em seu livro, Bompa (2002) aponta uma especialização adequada na modalidade futebol, a partir dos 14 anos de idade e o início da prática esportiva aos 10 anos.

É observado, porém, que nenhuma instituição esportiva que desenvolva trabalho de formação de atletas inicia suas atividades somente aos 14 anos. Tal fato pode ser facilmente observado na inúmera quantidade de torneios oficiais para idades bem menores que a

indicada por Bompa. Considerar se estas práticas realizadas por diversos clubes, apresentam ou não caráter de especialização, necessitaria uma ampla pesquisa de campo e investigação científica. Afirma-se, no entanto, que uma preocupação com o desenvolvimento multilateral nas fases iniciais do treinamento aos atletas deverá compreender um item básico do planejamento do técnico, para que os atletas por eles treinados apresentem uma infinidade de repertório motor para além da modalidade que praticam.

Considerando as quatro vertentes do treinamento esportivo, um detalhamento sobre como cada uma se configura para o desporto futebol será desenvolvido a fim de que o leitor possa compreender a perspectiva na qual o treinamento desta modalidade passará a ser observada. Uma abordagem sobre as capacidades físicas necessárias para um rendimento ótimo no jogo, a questão psicológica do treinamento e ainda os recursos técnicos e táticos que permitam o acesso ao bom jogo por parte dos jogadores serão explorados e posteriormente integrados com uma proposta metodológica de ensino do futebol.

4.10 O Futebol e suas quatro vertentes

4.10.1 A questão Física

A preparação física é meio indispensável para o bom rendimento da equipe e/ou atleta. Serão apresentadas as capacidades físicas indispensáveis que contribuem para um maior nível de rendimento. Entender o condicionamento físico num contexto de treinamento compreende o desenvolvimento dos fatores físicos da *performance*: resistência aeróbia e anaeróbia, força, velocidade e flexibilidade. (Weineck, 2004, p.15)

É importante salientar que, um bom rendimento físico exclusivamente, não levará o jogador a uma boa *performance*, sendo este rendimento de caráter condicional para que as demais necessidades do jogo, entende-se aqui às técnicas, táticas e psicológicas, sejam atendidas pelos atletas. Tal afirmação pode ser observada como segue:

“Um comportamento ideal de competição tem como pré-requisito uma atitude tática ideal do atleta. No entanto, um conceito tático só é executável sobre os alicerces de uma base técnica, condição física, capacidades volitivas (dependentes da força de vontade) e intelectuais compatíveis.” Como realizar um contra-ataque se o conhecimento técnico necessário não estiver disponível? Qual seria a lógica da indicação da marcação individual, quando o oponente é plenamente superior em velocidade e resistência? Finalmente, de que forma poderia ocorrer o entrosamento do time, se para um dos jogadores da equipe for impossível a assimilação e, respectivamente, a transposição de determinadas situações de competição?” (Weineck, 2004 p. 17)

Ainda caracterizando a modalidade, enquanto componente físico pode-se defini-la como uma atividade com realização de esforços de alta intensidade e curta duração, interposto por períodos de menor intensidade e duração variada. Sendo então uma atividade de natureza essencialmente intermitente e acíclica (BARROS, 2004).

Uma vez apresentado, de forma inicial, as capacidades físicas necessárias para o possível desenvolvimento do bom jogo, faz-se necessário uma abordagem no tocante à maneira que estas capacidades físicas deverão ser treinadas. Entender a resistência, força e velocidade como capacidades físicas a serem aperfeiçoadas de forma “pura” compreende um grande equívoco para o futebol moderno. Weineck (2004) em seu livro Futebol Total aponta a tendência da preparação física nesta modalidade ao afirmar:

“...deve dar prioridade ao treinamento do condicionamento físico usando situações semelhantes ao jogo e, quando possível, integradas ao jogo, A preparação física não pode, portanto, ser retratada como um objetivo em si, mas deve subordinar-se ao objetivo superior que é a melhoria da capacidade de jogo, tornando ideal a habilidade esportiva” (WEINECK 2004 p.18)

A primeira capacidade física a ser abordada neste trabalho e indispensável para o futebol é a resistência. Tal capacidade, para o futebol, será necessária em duas componentes, a resistência aeróbia e a resistência anaeróbia.

De maneira geral, para o futebol, os objetivos do treinamento para a melhora do desempenho aeróbio serão: (BARROS, 2004 p.25)

- A velocidade de recuperação após a atividade de alta intensidade como piques;
- A capacidade do sistema cardiovascular em transportar oxigênio aos músculos solicitados durante a partida de futebol;
- A capacidade dos músculos solicitados em utilizar o oxigênio fornecido e oxidar os ácidos graxos;

Para o desempenho Anaeróbio o objetivo será:

- Aumentar a capacidade do músculo em realizar atividades de alta intensidade repetidas vezes, visto que durante o jogo o atleta trabalha em alta intensidade com curtos períodos de recuperação;

Weineck (2004) aponta em sua obra, diversos autores que preconizam o jogo para melhora de ambas as capacidades. Como objetivamos um trabalho de especialização, apresentaremos como se comportarão tais capacidades nos púberes e adolescentes, ou seja, nos atletas de 13 à 18 anos.

Devido ao aumento do peso corporal e da altura, em função do crescimento, período caracterizado como estirão de crescimento, o desenvolvimento da resistência aeróbia terá o seu desenvolvimento ideal neste período. Além disso, para *performances* futuras destas capacidades, que na idade de 13 a 18 anos são passíveis de assimilar e suportar a sobrecarga, os treinamentos não podem ser realizados de forma insuficiente. (Weineck, 2004 p. 168)

Weineck (2004 p.184) propõe que a formação da resistência aeróbia deve ser trabalhada de todas as maneiras e, especialmente, por meio da utilização de pequenos jogos, formas de jogos e jogos/exercícios específicos para o futebol, tudo em proporção razoável em todos os treinamentos.

A quantidade de opções de treinamento para esta capacidade são inúmeras. Diversas situações de jogos reduzidos em espaço e número de jogadores aumentarão o número de ações necessárias para cada participante o que contribui para o aumento da frequência cardíaca em valores que se estabeleçam dentro da zona alvo de treinamento. De acordo com o objetivo que

o treinador espera alcançar, os jogos propostos poderão variar em intensidade, volume, intervalando-o ou não em séries de jogos.

O outro componente da resistência abrange o desempenho anaeróbio do jogador de futebol para esta capacidade. Num jogo com ações intermitentes, com alternância de estímulos de alta intensidade, por vezes realizados sem a pausa suficiente para a recuperação, onde existem inúmeras mudanças de direções, paradas bruscas, acelerações, chutes, o bom desenvolvimento da resistência anaeróbia será fundamental para que possibilite, obviamente combinando às competências psíquicas, técnico e táticas dos praticantes, o acesso ao bom jogo.

Assim como para a resistência aeróbia, o método de desenvolvimento da resistência anaeróbia pode conter treinamentos específicos à modalidade, ou seja, treiná-la por meio de jogos.

No futebol de alto nível, disseminou-se de forma crescente a exigência e treinamento da condição física integrado à especificidade do jogo, como motivo para isso, menciona-se que nenhum treinamento descontextualizado pode formar sozinho, a resistência anaeróbia de forma tão completa e específica em relação às exigências do jogo, quanto o treinamento especial da resistência anaeróbia pelo “método de jogo” ou, então, pelo “método de jogo integrado”. (Weineck 2004, p.75)

Formas especiais de jogo, 1 contra 1, 2 contra 2, 2 contra 3, em campos de jogo com tamanhos variados, são indicados para o desenvolvimento desta capacidade que, segundo o autor, tem fundamentação baseada no fato de que o jogo, devido ao constante confronto com o adversário, alcançam-se estados funcionais de sistemas individuais que não seriam alcançados em um treinamento normal. (Weineck 2004, p.75)

Outra capacidade física que é indispensável para um bom rendimento do jogador de futebol é a força, que necessitará tal capacidade nos seguintes aspectos: (Weineck, 2004)

- Elevação da performance específica do futebol;
- Como profilaxia de lesões;
- Como profilaxia para a musculatura responsável pela manutenção da postura.

Antes de identificar os diferentes tipos de força necessários para um bom rendimento do jogador de futebol e buscando adequar essa capacidade física ao objetivo do presente trabalho, é importante citar que:

“Como regra geral, vale: todos os parâmetros de força relevantes ao futebol não são desenvolvidos de maneira máxima, mas, sim, ideais. Assim, o jogador não é nenhum fisiculturista, mas um virtuoso mestre do futebol, no qual a técnica e o condicionamento físico têm papel primordial. Nesse contexto pode-se incluir a força, que representa o fator auxiliar e complementar: o melhor jogador não é o que salta mais alto, vence distâncias maiores ou emprega o corpo de forma mais potente. Na verdade, o melhor jogador é o consegue usar, de forma bem sucedida e no momento ideal, a técnica, todos os outros elementos citados e o volume conveniente das qualidades fundamentais para o jogo de futebol.” (Weineck, 2004 p.191)

No tocante à *performance* específica do jogador de futebol na especialização, os treinamentos que objetivem melhora da capacidade de força abrangem o desenvolvimento da força máxima, força rápida e da resistência de força. Discutir quais são os métodos adequados para a promoção das mesmas implica, inicialmente, uma análise das unidades semanais de treino. Considerando o treinamento para adolescentes e, portanto, para especialização, deve-se buscar a realização deste treinamento de modo a integrá-lo ao jogo (WEINECK, 2004 p.192). Competirá ao treinador da equipe, elaborar uma periodização de acordo com os objetivos que desejam ser alcançados, incluindo esta capacidade.

A força e suas variáveis podem ser notadas, durante uma partida, enquanto força de salto, força de chute, força de lançamento e capacidade de aceleração, onde para as variáveis máxima, rápida e resistência, como já fora explicitado, deverão apresentar valores ótimos para cada atleta a fim de que seja permitida a realização de todas as ações do jogo sem que ocorram quedas significativas do desempenho físico e, por conseguinte do desempenho total do praticante durante o jogo.

O autor aponta para a importância da presença do jogo no desenvolvimento desta capacidade física, porém, a literatura apresenta inúmeros métodos de treinamentos com pesos, com saltos descontextualizados como meio de elevação dos níveis de força (WEINECK, 2004). Não se discorda que estes treinamentos promovem melhora de tal capacidade, porém, relacionar essa melhora exclusivamente física a melhor desempenho integral no jogo é

extremamente equivocado, visto que o desempenho de um atleta no jogo de futebol vai muito além do seu rendimento físico.

Faz-se aqui uma ressalva para os treinamentos de força em níveis profissionais, onde os treinamentos desta capacidade integrados ao jogo não são suficientes para exaurir completamente as possibilidades individuais. (WEINECK, 2004 p.207)

Finalizando a questão física do desporto futebol, abordarei a velocidade. Esta capacidade, determinante para o rendimento do jogador de futebol é definida por Benedek & Palfai (apud Weineck, 2004 p.355) como:

“...uma capacidade verdadeiramente múltipla, a qual pertencem não somente o reagir e agir rápido, a saída e a corrida rápidas, a velocidade no tratamento com a bola, o *sprint* e a parada, mas também o reconhecimento e a utilização rápida de certa situação.”

Weineck (2004, p.355) define a velocidade como uma qualidade física complexa formada por diferentes capacidades parciais psicofísicas e para isso indica as seguintes manifestações da velocidade:

- Velocidade de percepção – Capacidade de percepção de situações de jogo e sua modificação no menor espaço de tempo possível.
- Velocidade de antecipação – Capacidade de adiantar-se ao desenvolvimento do jogo e, especialmente, ao comportamento do adversário direto no menor espaço de tempo possível.
- Velocidade de decisão – capacidade de decidir-se no menor tempo possível por possibilidade potencial de ação.
- Velocidade de reação – Capacidade de reagir na menor unidade de tempo possível a situações não previstas no desenvolvimento do jogo.
- Velocidade de movimentos cíclicos e acíclicos – Capacidade para a realização de movimentos cíclicos e acíclicos, sem bola, em ritmo intenso.
- Velocidade de ação – Capacidade de realização rápida de ações específicas do jogo sob pressão do adversário e do tempo.
- Velocidade-habilidade – Capacidade de agir o mais rápido e efetivo possível no jogo, com a inclusão de suas possibilidades cognitivas, técnico-táticas e de condição física.

Estas diferentes capacidades ilustram o quão complexa se mostra essa qualidade física que, para o jogador de futebol, se encontra muito além de deslocamentos, de um ponto a outro, no menor tempo possível.

Um aspecto importante a ser elucidado, nestas capacidades parciais da velocidade, se refere à importância dos fatores psico-cognitivos, táticos e técnicos para a *performance* do atleta. Competências essenciais para o bom rendimento como boa decisão, percepção, reação, ação, só fazem sentido nesta modalidade se treinadas em situações de jogo, onde as imprevisibilidades da partida permitam a evolução, no decorrer do processo de treinamento, das competências existentes relacionadas à velocidade. Faz-se importância ao aspecto técnico, tático e cognitivo nestes treinamentos, pois torna obsoleto em uma equipe um jogador com a velocidade de decisão extremamente rápida porém uma leitura do jogo equivocada, o que fará tomar a decisão incorreta para o problema emergente no jogo.

É importante notar que, em nenhum momento, mencionou-se o aspecto genético para o rendimento nesta capacidade física. As quantidades de fibras musculares tipo I (mais oxidativas), tipo IIa, IIx ou IIb (mais glicolíticas), serão determinantes para o bom rendimento motor porém, foge dos objetivos do presente trabalho prender-se à essas variantes do rendimento, que acreditamos não ser o diferencial para a *performance* de uma equipe no jogo de futebol.

Para Weineck (2004, p.411) esta capacidade física, assim como a Resistência e a Força, também pode ser treinada em contexto de jogo e afirma:

“... a melhoria de todos os parâmetros da velocidade de forma complexa é de importância muito especial – ainda mais com a vantagem do treinamento simultâneo da técnica e da tática – por meio do método do “desenvolvimento da velocidade integrada ao jogo.” ...o “método do jogo” tem a vantagem de que o jogador, nas situações de disputa de bola, está mais motivado e com maior força de vontade. Portanto, utilizando o seu *sprint* com maior aplicação do que em repetições de um treinamento via método intensivo.”

O que fora abordado, até o momento, no tocante ao desempenho físico de um atleta, em hipótese alguma pode ser considerado como algo aprofundado. Questões bioquímicas e fisiológicas do treinamento relacionados a esta modalidade sequer foram comentados. O que

desejo, porém, implica somente indicar as capacidades físicas existentes num jogo de futebol e ilustrar que diversos autores como Gerisch & Tritschoks, Cramer, Bisanz citados por Weineck (2004) já apontam para o desenvolvimento desta vertente do treinamento por meio de jogos.

4.10.2 A questão Técnica

O rendimento de um atleta depende da boa *performance* nos quatro itens que compõem o treinamento. O rendimento psicológico, aliado à boas condições táticas, físicas e técnicas permitirão desempenho ótimo. Neste tópico procuro abordar a o componente técnico do treinamento que, para o futebol, pode ser classificado como as habilidades específicas necessárias para o jogo.

Histórico e culturalmente, admite-se um único movimento como o gestor motor eficiente relacionado à técnica de execução de determinada habilidade. Na literatura, pode ser facilmente encontrada, obras referentes à execução do gesto técnico desportivo, com instruções quanto à postura, posição de pernas, tronco, posição dos pés, entre outros ajustes perfeitos. Pensando na resolução dos problemas existentes numa partida, nossa preocupação, ainda mais na especialização esportiva, do como fazer, ou seja, da execução da técnica, poderá ocorrer de diversas maneiras com um objetivo principal: solucionar o problema do jogo.

Dessa forma, baseio-me em Freire (1998) para expor as habilidades técnicas necessárias para o jogador de futebol, em que são explicitados as habilidades específicas desta modalidade sem a preocupação com o gesto motor mais eficiente. Então, apresentamos as competências técnicas necessárias para os praticantes do jogo de futebol:

- Finalização – definida como a habilidade mais decisiva no jogo de futebol, podendo ser feita com um chute, cabeceio, ou alguma outra parte do corpo que não a mão objetivando marcar o gol.
- Passe – ação que determina o desporto coletivo. Consiste em chutar a bola para um companheiro em distância curta ou média.

- Controle de bola – habilidade de reter a bola em condições de realizar uma jogada. Diversas partes do corpo podem realizar essa habilidade.
- Condução – É a habilidade que permite ao jogador levar a bola de um ponto ao outro do campo, sem ser desarmado, antes de efetuar uma jogada.
- Desarme – Principal recurso de defesa. Habilidade que visa superar as habilidades do atacante no momento da jogada.
- Drible – Também pode ser conhecida como finta. Habilidade de evitar que o adversário desarme o jogador que tem a posse de bola, enquanto este a conduz ou controla-a.
- Lançamento – Chutar a bola para um companheiro distante. Se este chute ocorrer da linha de fundo em direção a área, será chamado cruzamento. Pode ser classificado como uma modalidade do passe.
- Defesas (goleiros) – Ação deste jogador, podendo ser feita com qualquer parte do corpo, objetivando impedir o gol do adversário.

Os recursos técnicos aqui explicitados deverão ser amplamente vivenciados durante o processo de especialização esportiva no futebol e, com o todo que esta modalidade abrange, cabe aqui uma ressalva para os professores/treinadores e quaisquer outros profissionais que tenham como função ensinar o jogo de futebol: a vertente técnica deste desporto é apenas uma porção do que ele representa. Atentar-se às demais vertentes é indiscutível para o desenvolvimento do bom nível de jogo.

4.10.3 A questão Tática

Ações táticas ocorrem a todos os momentos por todos os jogadores durante uma partida de futebol. Seja com ou sem bola, uma atitude relacionada ao o que fazer, ou seja, uma

ação tática inteligente deverá ocorrer individual, grupal e/ou coletivamente afim de que uma jogada tenha eficiência.

A tática pode ser definida como idéias fundamentais básicas e essenciais do futebol que agrupa um verdadeiro método de trabalho com duas funções: (ROMERO, 2006)

- Preparar o jogador para desenvolver-se com êxito frente aos numerosos problemas táticos que a cada instante apresenta o futebol durante a partida.
- Formar no jogador uma mentalidade de jogo que lhe permita tomar iniciativas ou variar planos de jogo, de acordo com os acontecimentos de uma partida, acontecendo por meio de três mecanismos (percepção – decisão – execução) a inteligência de jogo.

Considerando a especialização esportiva nesta modalidade, Romero apresenta os princípios táticos que devem ser abordados nesta etapa da formação esportiva, classificando a tática ofensiva e defensivamente.

Esses princípios são chamados de princípios táticos de evolução que, são assim explicitados:

“Os princípios táticos de evolução estão divididos em princípios defensivos e ofensivos; segundo a dinâmica geral do jogo se subdividem em grupos nos quais levam como título a fase de jogo com uma ordem lógica e encadeada. Os princípios táticos defensivos estão subdivididos em grupo de *retardo*, já que depois de perder a posse da bola é a ação que se deve realizar, logo se busca um equilíbrio nas tarefas defensivas (*grupo de equilíbrio*) para logo buscar recuperar a posse da bola (*grupo de recuperação*). Os princípios táticos ofensivos estão subdivididos em *grupo de controle*, já que logo que se recuperou a bola devemos buscar um domínio na iniciação da fase ofensiva, em seguida devemos buscar uma mobilidade não só individual como coletiva (*grupo da mobilidade*), esta mobilidade nos conduzirá a uma penetração nas linhas defensivas do rival (*grupo de penetração*), e por último o *grupo de improvisação* já que o futebol por ser um esporte acíclico o jogador deve estar em condições e disposto para trocar de ação no momento menos esperado.” (ROMERO, 2006)

Ainda classificando os princípios táticos ofensivos e defensivos, serão identificadas as subdivisões existentes em cada um deles, porém, não serão amplamente explorados, pois não compete ao objetivo do presente estudo.

Romero (2006) subdivide da seguinte forma cada princípio tático:

Princípios Táticos Defensivos

- Retardar: Dificultar e Temporizar;
- Equilibrar: Marcar, Cobrir, Permutar, Relevô e Vigilância;
- Recuperar: Dobrar, Interceptar, Antecipar, Carga e Entrada;

Princípios Táticos Ofensivos

- Controle: Controle da partida, Conservar a posse de bola, Mudança de Orientação, Controle do jogo e Vigilâncias;
- Mobilidade: Desmarcação, Apoio, Mudança de ritmo, Mudança de direção;
- Penetração: Paredes, Espaços livres, Ultrapassagem e Progressão;
- Improvisação: Ataque, Ritmo de jogo;

Como pode ser observada, uma série de elementos compõem o aprendizado tático nos quais equipes/atletas, devem ser submetidos num processo de formação. O material deste autor possibilita um entendimento claro das componentes táticas presentes num jogo de futebol.

O treinador que se fizer deste material como uma de suas ferramentas de ensino, deve atentar-se ao ajuste dos treinamentos, respeitando a faixa etária e nível de desenvolvimento da sua equipe. Contemplar ensinamentos táticos a um grupo de jogadores é essencial para que os mesmos atinjam bom nível de jogo.

Espero que com a abordagem desta vertente do treinamento, o método de ensino no qual milhões de brasileiros são submetidos, seja pelos treinadores serem meros reprodutores de tudo que fizeram como jogadores, seja por acreditarem que a fragmentação e repetição dos fundamentos técnicos do jogo são suficientes para levar à um bom jogo, ou ainda, o que é lamentável na atualidade, por desconhecimento de nova metodologia, passe a ser revisto.

4.10.4 A questão Psicológica

A questão psicológica é uma componente do treinamento desportivo e assim o é para o desporto futebol. Neste tópico será apresentado como esta questão pode ser abordada nesta modalidade.

É importante citar que não serão mencionadas as variáveis psicológicas do esporte como Ansiedade, Motivação, Stress, Medo, Agressividade, entre outras. Uma grande busca deste trabalho é fazer com que os pensamentos fragmentados, marcados pelo tecnicismo, sejam modificados e neste ponto, as questões psicológicas também devem ser entendidas em sua totalidade, sobre como ela refletirá no treinamento em futebol.

Não se nega a presença destes fatores psicológicos no indivíduo, porém, abordá-los em separado será fragmentar um ser complexo o que é absolutamente contestado por este trabalho.

Outro aspecto importante, que deixo claro neste item, é a presença do profissional de psicologia esportiva para auxiliar o treinador e os jogadores no processo de especialização no futebol. Obviamente ele não estará dentro do campo nos treinamentos, porém, assim como outras disciplinas, leia-se nutrição, fisioterapia, medicina, deve estar presente como parte da organização de um clube de futebol.

A especialização esportiva coincide com o maior período de transformação física e psicológica de um jovem, a adolescência. Assim como as demais componentes do treinamento, a psicológica também deve ser treinada na formação esportiva e quem será o responsável para seu desenvolvimento será o treinador que, segundo Leonhardt (2002, p.7):

“A figura do treinador neste contexto obriga-o a levar em conta quem, de fato, são estes seus clientes, como estes se comportam e se sentem na fase em que se encontram na vida, quais as necessidades e possibilidades que eles possuem. O treinador de categorias de base precisa ser entendido como alguém contribuinte no desenvolvimento físico,

motor, social e emocional de seus atletas, integrando-se no processo educativo e formativo dos mesmos.”

Para a autora, o jovem adolescente torna-se facilmente influenciável por atitudes e hábitos daqueles a quem admira. Busca referências fortes para idealizar o melhor e o treinador passa a fazer parte dos modelos de influência (LEONHARDT, p.8).

Ainda como característica dos adolescentes, pode ser observado (LEONHARDT, p.10):

“E é assim, chegando na adolescência, o mesmo flutua entre o mundo desejado e o temido que a transição e as mudanças trazem. “Tanto as modificações corporais incontrolláveis, como os imperativos do mundo externo, que exigem do adolescente novas pautas de convivência, são vividos no começo como uma invasão. Isto o leva a reter, como defesa, muitas de suas conquistas infantis, ainda que coexista o prazer e a ânsia de alcançar um novo *status*”. (Knobel.1981.p.14.) Estas mudanças que o levam a deixar coisas de criança no passado e enfrentar o futuro, fazem-no buscar uma identidade nova que vai se construindo num mundo consciente e inconsciente. Neste contexto de aceitar a deixar o mundo infantil e buscar novas referências ele flutua de forma brusca, com instabilidade de humor e comportamento por certo tempo. Só quando a sua maturidade biológica estiver acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que lhe permita a entrada no mundo adulto, estará munido de valores, de uma ideologia que confronta com a do seu meio.”

Isto posto, uma figura importantíssima para auxiliar nesta etapa do desenvolvimento do indivíduo, que está praticando esporte, será o treinador, onde o jovem, na busca constante por sua identidade, buscará uma pessoa forte, de referência, de admiração e de contenção de seus conflitos (LEONHARDT, 2002)

Para isso, o treinamento, em hipótese alguma poderá ser somente técnico, tático ou então físico, ratifico que a sessão deverá conter suas quatro componentes e a mesma autora afirma acertadamente (LEONHARDT, 2002 p.11):

“Assim, ao utilizar-se da psicologia como mais um recurso para treinar com habilidade, o treinador estará agregando valor à sua formação, melhorando sua forma técnica e tática nos treinamentos. Entendendo o funcionamento do seu público de trabalho, auxiliará na socialização do atleta, dando-lhe mais do que seu saber técnico. Possibilitará um

trabalho onde o jogador receberá um saber maior, dentro do papel de ajudador, de conselheiro, amigo, oportunizando ver o esporte como um caminho saudável, funcionando como âncora para uma adolescência normal, com projetos de futuro, realizando com esforço os passos para uma carreira com mais chance de ser vitoriosa.”

Numa sessão de treinamento, os movimentos executados pelos alunos não são produtos do acaso, são atividades largamente controladas e planejadas, dirigidas conscientemente para um objetivo esperado. O que se observa externamente é o resultado final de uma quantidade de processos psíquicos e psicofísicos, que preparam, iniciam, dirigem, controlam e avaliam a ação desportiva (THOMAS, 1983 p. 217).

Neste ponto se define a questão psicológica para o desporto futebol, onde Thomas (1983) preconiza uma educação orientada para a ação, pois a aquisição de determinada habilidade para o desempenho esportivo constitui um problema psicofísico conscientizado pelo aprendiz, e que, para solução do mesmo, é preciso empregar determinados métodos de solução de problemas.

Então no ensino do futebol voltado para a ação, as seguintes componentes devem ser observadas (THOMAS, 1983 p. 218):

- *Determinar e conscientizar-se do objetivo da ação.* O aluno deverá descobrir a diferença entre a situação de “estar” e “deve ficar”.
- *Análise completa da situação de partida.* Reflexão sobre o nível momentâneo das capacidades e habilidades senso-motoras e psicofísicas, a prontidão física e os conhecimentos da modalidade e das experiências cognitivas e emocionais.
- *Antecipação dos meios.* Elaboração dos passos necessários para o alcance do objetivo, métodos de aprendizagem e meios auxiliares.
- *Execução da Ação.* Transposição dos obstáculos que se antepõem ao seu alcance e pela vivência de discrepância e concordância entre a expectativa e a realidade, que se experimenta durante a realização da ação. Grande importância do professor que deve ativar as forças existentes no aluno para a solução do problema e sensibilizá-lo para a vivência consciente dessa tensão “expectativa-realidade”.

- *Avaliação dos resultados da ação.* O aluno deve aprender a desenvolver e empregar métodos com os quais conseguirá o auto-julgamento dos resultados de suas performances.

Concluindo, o treinamento esportivo no futebol, orientado para a ação, centraliza o aluno, como indivíduo auto-atuante e independente. O atleta aprende a vivenciar e a concretizar os processos psíquicos, físicos e emocionais iminentes em todas as ações de movimento como uma unidade psicofísica, com o que se criam, simultaneamente, os pré-requisitos necessários à obtenção dos objetivos educacionais desejados (THOMÁS, 1983 p. 218).

4.11 O Treinamento Integrado

Já pode ser encontrado na literatura referências para o ensino do futebol a partir de uma metodologia de treinamento integrado que pode ser compreendido como aquele capaz de aproximar o treinamento à realidade do jogo por meio de jogos educativos. (LOPES, 2006)

De acordo com Lopes, Bunker & Thorpe (1982) são um dos pioneiros a proporem um novo modelo de treinamento, que utiliza um modelo tático de ensino, pautado no desenvolvimento da consciência de jogo e da capacidade de tomada de decisão, por meio da participação em jogos adaptados.

Lopes afirma muito bem, algo que já fora amplamente abordado neste trabalho, que a prática pedagógica deve levar o homem a compreensão das suas ações e que não seja apenas reproduzidor de práticas tradicionais.

É apontada pelo autor, a necessidade do conhecimento, por parte do professor que tenha como função ensinar futebol, de como se dá o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Neste ponto se faz importante o treinamento integrado, pois este permite vivências de resoluções de problemas aproximados aos que ocorrem na realidade do jogo.

Souza (apud LOPES, 2006) destaca de que forma deve ser visto o treinamento:

“Na perspectiva com que temos vindo a encarar o treino desportivo – ligado à especialização - começamos por assinalar que a sua existência é recente, sobretudo se o considerarmos em sua forma mais acabada, como sistema integrado e superiormente organizado, isto é, a partir do momento em que caminha segundo um certo grau de convergência de seus principais componentes, de ordem: Física, Técnico- tática, Teórica, Psicológica, Moral e Social.”

É importante mencionar que o termo recente, utilizado na citação, se refere à década de 80, ou seja, há mais de 25 anos. Torna-se então, indispensável que, profissionais que ensinem futebol conheçam, ao menos minimamente, esta metodologia de treinamento que se mostra eficaz para a formação de futuros jogadores de futebol. Para isso afirma-se: (LOPES,2006)

“O Treinamento Integrado fez surgir novas expectativas no sentido de um treinamento mais inteligente e menos desgastante, adaptando-se melhor tanto às exigências impostas aos adultos, quanto ao processo de formação colocado ao jovem por meio de jogos didaticamente dirigidos. É esperado, então, que os professores conheçam esta metodologia, respaldados pela literatura, como forma de respeitar sobretudo a maturidade e as capacidades de quem está em processo de aprendizagem, ou seja, visando o pleno desenvolvimento físico, mental e técnico-tático.”

Considerando esta perspectiva, quaisquer treinamentos voltados à especialização na modalidade, que visem exclusivamente uma componente do treinamento, seja ela física, técnica, tática ou psicológica, estarão equivocados, ultrapassados, sem um conceito global com preocupação unificadora.

Outro autor que passa abordar a terminologia treinamento integrado é Alvarez(200?) que o define como sendo o desenvolvimento conjunto e corretamente articulado e planejado dos fatores físicos, técnicos, táticos e psicológicos.

Para este autor, o desenvolvimento em separado de quaisquer das vertentes do treinamento apresentará grandes dificuldades de aplicação visto que a especificidade do gesto esportivo implica um trabalho o mais perto possível das condições de competição (ALVAREZ, 200?).

Como pôde ser observado, autores abordam o treinamento integrado e o preconizam para a evolução dos níveis de *performance* de uma equipe. Infelizmente o desconhecimento desta metodologia faz-se extremamente presente em pleno Século XXI. Ainda é comum depararmos, ao observarmos treinamentos de clubes, ao assistirmos a canais esportivos e ao recorrermos a planilha de treinos de técnicos/professores, com sessões de treinos fragmentadas, que visam o desenvolvimento de uma única vertente do treinamento de forma isolada. Ao longo deste trabalho procuramos esclarecer que tal atitude apresenta-se obsoleta.

A apresentação dos autores que preconizam o ensino de uma modalidade coletiva pela tática, não pode ser vista, como a solucionadora do problema para o ensino do futebol. Recorreu-se a eles com o intuito de identificá-los como importante no processo de formação de atletas.

De nada adianta uma equipe, em especialização esportiva, que apresenta toda a leitura tática do jogo, porém, não apresenta os atributos técnicos, físicos e psicológicos para colocá-la em prática com eficiência.

Esta analogia também pode ser estabelecida se considerarmos outras componentes do treinamento, como por exemplo, a física, onde, exageradamente preocupa-se em fazer atletas serem mais velozes, mais fortes, mais resistentes e para isso utilizam de métodos de treinamento isolados. Após tudo o que fora discutido, parece claro que o interessante não é correr mais e sim correr certo, pois, possuir os melhores atributos físicos não corresponde à melhor desempenho no jogo.

Enfim, estamos em tempos de mudanças, na era do conhecimento, onde a atualização e acompanhamento de tendências mundiais devem ser constantes. Pensar e agir de maneira fragmentada são contraditórios a tudo que é preconizado na atualidade por grandes pensadores e estudiosos.

O reflexo do treinamento integrado no esporte pode ser entendido como as possibilidades e necessidades humanas de se pensar o todo, partindo do microscópico para o macroscópico, do fragmentado para o complexo (LOPES, 2006).

Esta citação permite um grande esclarecimento: (LOPES, 2006 p.54)

“Comum é tentar treinar, fortalecer, desenvolver partes do ser humano, esquecendo que, se o ser humano for dividido em partes, deixar-se-á de tê-lo em sua integralidade. Porém,

se considerado que as relações entre as partes formam o todo, ele será encontrado ao final de um processo educativo, em sua plenitude para aquele determinado momento.”

De grande importância para que equívocos na educação/formação de atletas não sejam cometidos é a existência de profissionais realmente capacitados, que pensem de forma complexa, que entendam pedagogia, que saibam sobre aprendizagem, que tenham consciência que aplicar um método de ensino exige muito mais que simples reproduções de movimentos. Somente desta forma, o treinamento terá um caráter integrado.

Na sequência deste trabalho, serão apresentadas algumas atividades que servirão para exemplificar como elas podem ser abordadas abrangendo todas as componentes do treinamento.

4.12 Jogos

Os jogos, descritos na sequência, de maneira nenhuma devem ser vistos como algo fechado, imutável. Serão atividades que terão objetivos técnico, tático, físico e psicológico que podem ser aplicadas em uma equipe, no processo de formação, de acordo com as necessidades que a mesma apresente.

Jogo 1 – Mini-campo

Material: Bolas, Cones, Coletes

Dimensões: 50m x 35m

Número de Equipes: 2

Participantes por Equipe: 7

Regras: Só pode finalizar após 12 toques entre a equipe; no máximo 4 toques por jogador;

Descrição: Duas equipes se enfrentam nas dimensões determinadas, ganha a equipe que realizar mais gols.

Objetivo Técnico: Passe

Objetivo Tático: Princípio Tático Ofensivo Controle (Conservar a posse)

Objetivo Físico: Resistência Aeróbia

Objetivo Psicológico: Orientação para a ação

Jogo 2 – Confronto 2 contra 2

Material: Bolas, Cones, Coletes

Dimensões: 20m x 20m

Número de Equipes: 2

Participantes por Equipe: 12

Regras: 10 segundos para fazer o gol, por jogada; no máximo duas bolas por jogada;

Descrição: Cada equipe será composta por 12 jogadores, nos quais formarão seis duplas. Cada dupla terá uma dupla adversária correspondente em que, no apito do técnico sairão em disputa de bola. A bola se encontrará a uma distância de 30 metros dos jogadores. O treinador poderá jogar mais uma bola caso a primeira bola seja definida antes do término do tempo. Os gols estarão distantes 20 metros. Ganha a equipe que fizer mais gols.

Objetivo Técnico: Finalização

Objetivo Tático: Princípio Tático Defensivo Recuperar (Carga e Entrada)

Objetivo Físico: Velocidade

Objetivo Psicológico: Orientação para a ação

Jogo 3 – Confronto 2 contra 2

Material: Bolas, Cones, Coletes

Dimensões: 60m x 35m

Número de Equipes: 2

Participantes por Equipe: 6

Regras: 30 segundos de jogo por jogada; quantas bolas forem possíveis por jogada; um drible obrigatório para finalizar;

Descrição: Cada equipe será composta por 6 jogadores, nos quais formarão três duplas. Cada dupla terá uma dupla adversária correspondente em que, no apito do técnico sairão em disputa da bola. A bola se encontrará a uma distância de 30 metros dos jogadores. O treinador

poderá jogar mais bolas caso a que está em jogo seja definida antes do término do tempo. Ganha a equipe que fizer mais gols.

Objetivo Técnico: Drible

Objetivo Tático: Princípio Tático Ofensivo Improvisação (Ataque)

Objetivo Físico: Resistência de Velocidade

Objetivo Psicológico: Orientação para a ação

Jogo 4 – Jogo Coletivo 11 contra 11

Material: Bolas, Coletes

Dimensões: Oficiais

Número de Equipes: 2

Participantes por Equipe: 11

Regras: Após o meio campo, só pode receber a bola o jogador que se encontra atrás do jogador que tem a sua posse; após o meio de campo só vale passe para frente;

Descrição: Jogo formal, 11 contra 11, ganha a equipe que fizer mais gols.

Objetivo Técnico: passe

Objetivo Tático: Princípio Tático Ofensivo Penetração (Ultrapassagem)

Objetivo Físico: Resistência Aeróbia

Objetivo Psicológico: Orientação para a ação

Os jogos que foram exemplificados e também ilustrados na figura 1 (p.70), não apresentaram nenhuma relação de duração dos mesmos. Caberá ao treinador e sua comissão técnica estabelecer o volume adequado de aplicação destas atividades para a faixa etária em treinamento além de relacioná-lo com os objetivos da equipe. Outrossim, se refere aos componentes estruturais dos jogos (número de participantes, dimensões, regras) em que também podem e devem ser modificados. O objetivo destes exemplos se resume a uma breve apresentação do quão variado é o repertório de atividades que podem ser elaboradas num processo de especialização esportiva no futebol, onde os inúmeros conteúdos físicos, técnicos,

táticos e psicológicos deverão ser treinados, ratificando a importância da faixa etária da equipe, a fim de que, possam ser formados jogadores inteligentes.

Em cada jogo, procurou-se ajustar as componentes estruturais do mesmo com os objetivos físico, técnico, psicológico e tático esperados. Concluiu, afirmando a importância de notar que os objetivos dos jogos foram retirados a partir dos componentes do treinamento em futebol apresentados neste trabalho.

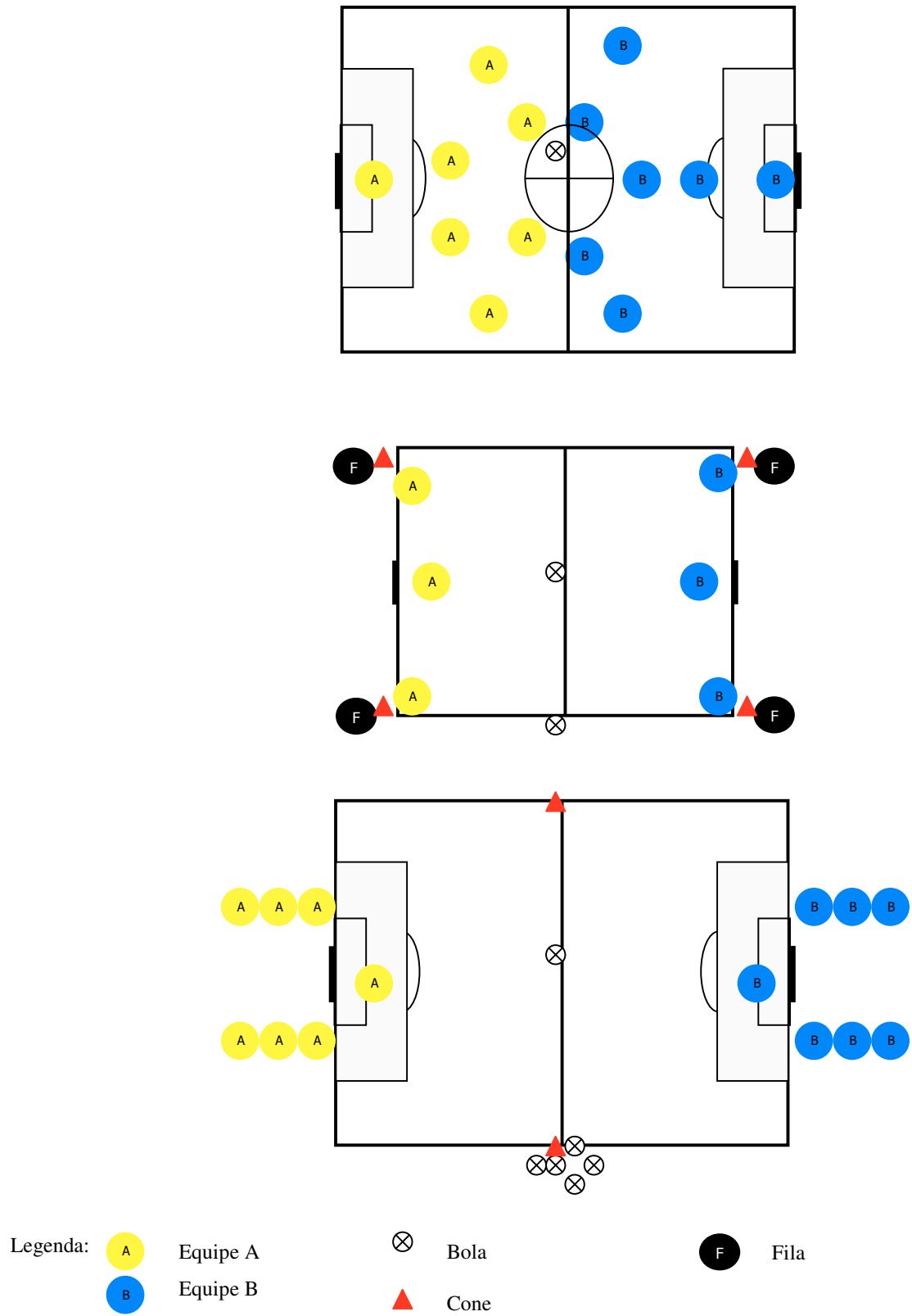


Figura 2 – Representação Esquemática dos Jogos 1, 2 e 3.

5 Conclusão

Espero, com este trabalho, ter conseguido contribuir, com uma obra acadêmica à respeito ao ensino do futebol e toda sua complexidade. Aplicar adequadamente a especialização esportiva nesta modalidade, inicialmente, implica um vasto conhecimento teórico de conteúdos que sustentarão e orientarão a prática pedagógica dos técnicos/professores.

Num primeiro momento, entender que o jogar bem futebol não advém de um dom divino ou então da exaustiva repetição de gestos motores, faz-se fundamental. Lamentavelmente, em pleno século XXI, se uma pesquisa for realizada, muitos atribuirão a facilidade de jogar futebol a esses fatores.

Entendida essa barreira ideológica inicial, no tocante ao conhecimento, a compreensão sobre pensamento complexo, a aprendizagem, relevância do meio social para que a mesma ocorra, além do conceito de “zona de desenvolvimento proximal” proposto por Vygotsky, serão os passos seguintes que devem compor as competências de um treinador esportivo.

Propositamente, ainda não foi mencionado nenhum conhecimento específico da modalidade apresentada neste trabalho, pois o entendimento de outros dois tópicos muito importantes também deverá constar como competências de um treinador para aplicar a especialização esportiva. Refiro-me à conceituação de Jogo, que, como pode ser lido, antecede a função humana e, neste trabalho, suas características foram apresentadas a partir da obra filosófica de Huizinga (1993).

Também antecedendo o ensino do futebol, é necessário compreender as características dos Jogos Desportivos Coletivos e valorizar a importância da componente tática para o ensino dos mesmos, visando romper a corrente tecnicista que se vale, exageradamente, do ensino da técnica de movimentos para a formação de bons jogadores, desconsiderando que nos inúmeros problemas ocorrentes num jogo, um pensamento tático será elaborado num primeiro momento para posteriormente ser realizada a ação, como neste trabalho fora identificado.

Após o entendimento destes tópicos que, como preconiza o pensamento complexo, se inter-relacionam, posso começar a falar de futebol. Indubitavelmente, na metodologia apresentada, um treinador deve conhecer os componentes táticos (princípios táticos ofensivos e defensivos), técnicos (passe, drible, finalização, desarme, entre outros), físicos (força,

resistência, velocidade) e psicológicos (relacionados à orientação para a ação) para poder elaborar um programa de treinos voltado à especialização esportiva.

Note que, neste trabalho, em nenhum momento se pré-estabeleceu os conteúdos a serem abordados em uma equipe com uma determinada faixa etária. Penso que, a elaboração de uma periodização de treinamentos, seja ela mensal, semestral, anual, não pode, em hipótese alguma, ser uma reprodução de jogos/atividades configuradas para uma idade específica. Será papel do técnico, conhecer minuciosamente a equipe na qual ele irá ensinar jogar bem futebol, e assim, o mesmo e sua comissão serão responsáveis pela elaboração dos jogos pertinentes à equipe que treinam, tendo conhecimento do nível de jogo que a equipe se encontra e qual deve ser o nível pretendido após a periodização.

E qual a melhor maneira para se aprender a jogar bem futebol? Com tudo o que fora apresentado neste trabalho, outra conclusão não pode ser apresentada que não a seguinte: jogando futebol! Não será correndo inúmeras voltas ao redor do campo, exercendo diferentes estímulos de alta intensidade, repetindo exaustivamente gestos técnicos específicos da modalidade, treinando posições táticas sem adversários e ainda fazendo sessões de psicologia com um único intuito: o jogo seguinte.

Aponto para uma metodologia de treinamento que integre o técnico, o tático, o físico e o psicológico. Aponto não somente porque julgo como mais eficiente. Tal eficiência deve ser colocada em segundo plano quando, previamente, valorizamos o todo, a complexidade e a inter-relação de todos os aspectos que compõem o sistema.

Dessa forma, a metodologia de treinamento integrado faz sentido e conseqüentemente sua eficiência será observada. Não é uma tarefa simples, pois aplicá-la vai muito além do treinamento por meio de jogos e implica um conhecimento dos treinadores, que excede o domínio sobre o futebol e seus componentes.

Exigir-se-á, como pôde ser observado, o pensamento complexo, que teve sua origem há algumas décadas atrás e precisa, indiscutivelmente, ser propagado.

Para concluir meu trabalho, identificarei um clube de futebol que aponta para esta tendência. Tal instituição é o Paulínia Futebol Clube, um clube formador, com 4 anos de existência e que possui as categorias SUB 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20 além da profissional.

Neste clube, é aplicada a Metodologia AFA® (Associação Futebol Arte), em que, em seu site, pode ser observado o que a Metodologia tem buscado:

“A AFA vem desenvolvendo inovadora metodologia de iniciação e especialização na modalidade, formando profissionais e atletas “mais inteligentes de corpo inteiro”, uma demanda cada vez maior no futebol moderno.”

Com um grupo de profissionais que procura pensar complexamente, entender o todo e se atualizar constantemente a respeito das informações relativas ou não ao futebol a Metodologia AFA® e, conseqüentemente, o Paulínia Futebol Clube vêm ganhando espaço no cenário desportivo nacional.

Os trabalhos desenvolvidos nas categorias de formação desta instituição apontam para o treinamento integrado, que, inclui o físico, o técnico, o tático e o psicológico numa única sessão de treino.

Não é uma tendência do futebol, é uma tendência do mundo, do todo, de que tudo está inter-relacionado, que nada, nem ninguém, podem ser analisados/observados/desenvolvidos/modificados/estudados/compreendidos em um ambiente isolado, hermeticamente fechado, sem interferências internas e externas.

Finalizando, espero ter contribuído, com uma obra acadêmica, com todos os envolvidos direta ou indiretamente no futebol. Para alguém que pense que jogar futebol implica um dom, argumentos foram abordados que contradizem esta idéia, para um simples torcedor e apaixonado pelo futebol, esta obra pode ajudar a entender o porquê das dificuldades dos jogadores brasileiros se adaptarem ao futebol europeu, aos profissionais de futebol pode ser uma valiosa ferramenta para, de uma vez por todas, se extinguir a metodologia de ensino tecnicista para esta modalidade, enfim, muito há a ser feito para que o treinamento integrado corresponda à metodologia de ensino predominante no futebol brasileiro, porém, as mudanças já começaram a ocorrer.

6 Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO FUTEBOL ARTE PAULISTA. *O que é a AFA?* Disponível em: (www.afa10.com.br) Acesso em: 10 de novembro de 2008.

ALVAREZ, P. *Técnica e tática individual nos períodos preparatório, competitivo e transitório*. Clinic internacional de Alto Rendimento, Portugal, 200?.

BAYER, C. *O ensino dos Desportos Coletivos*. Lisboa, Portugal, 1994.

BARROS, T,L & GUERRA, I. *Ciência do Futebol*. Barueri – SP, Manole, 2004.

BOMPA, T. *Teoria e Metodologia do Treinamento*. (Tradução Sérgio Roberto Ferreira Batista), São Paulo – SP, Phorte Editora, 2002.

DAOLIO, J. *Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer*. Brasília - DF, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2002.

FIEDLER-FERRARA, N. *O pensar complexo: construção de um novo paradigma*. Universidade de São Paulo, Instituto de Física, São Paulo – SP, 2003.

FREIRE, J.B. *Pedagogia do Futebol*. Campinas – SP, Autores Associados, 2003.

GARGANTA, J. *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed, Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

GRAÇA, A. & OLIVEIRA J. *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed, Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

GRECO, P.J. *Iniciação Esportiva Universal. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte – MG, Editora UFMG, 1998.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo – SP. Perspectiva, 1993.

LOPES, A.M. *Treinamento Integrado como intervenção pedagógica no ensino do futebol*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo – SP, 2006.

LEONHARDT, L. *O psicólogo auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol*. Porto Alegre – RS, 2002.

MONTAGNER, P.C. *A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva*. Dissertação de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1999.

ROMERO, F.C. *Principios Tácticos del Fútbol. De Base y de Evolución*. Colômbia, 2006.

SGAGLIA, A.J. *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 1999.

TAVARES, F. *O ensino dos jogos desportivos*. 2ed, Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

TAVARES, F & FARIA, R. *O jovem praticante de desportos coletivos como processador de informação – implicações nos processos metodológicos do treino*. Lisboa, Portugal, 1993.

THOMAS, A. *Esporte. Introdução à psicologia*. (tradução Maria Lenk), Rio de Janeiro – RJ, Editora ao Livro Técnico, 1983.

WEINECK, J. *Treinamento Ideal*. 9ed, Barueri – SP, Manole, 2003.

WEINECK, J. *Futebol Total. O treinamento físico no futebol.* (tradução Sérgio Roberto Ferreira Batista), Guarulhos – SP, Phorte Editora, 2004.